

# Imprensa ilustrada e humorística gaúcha: o Zé Povinho de Pelotas

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**96**





# **Imprensa ilustrada e humorística gaúcha: o Zé *Povinho* de Pelotas**





## **CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# Imprensa ilustrada e humorística gaúcha: o *Zé Povinho de Pelotas*



Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais

2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2025

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira

**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco

**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

## **Ficha Técnica**

- Título: Imprensa ilustrada e humorística gaúcha: o *Zé Povinho* de Pelotas
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 96
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-5306-015-9

**CAPA:** ZÉ POVINHO. Pelotas, 7 jan. 1883.

### **Sobre o autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.



## QUEM SOU?

Já o sabem: Zé *Povinho*, sem tirar nem por, a ordem personificada quando lhe garantem os direitos e liberdades, a revolução incendiária quando lhe absorvem as crenças e aspirações.

Zé-*Povinho*, sim, ele mesmo, pequeno, resignado na adversidade, gigante, leão, nas tempestades sociais.

Zé-*Povinho*, a encarnação do belo e do sublime, o símbolo do trabalho e do progresso, a irradiação das ideias úteis e generosas, a buzina da ciência através do espaço e do porvir.

Eis quem sou.

**ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883**



# SUMÁRIO

**Imprensa e caricatura sul-rio-grandense: O Zé  
*Povinho* / 13**

**A “página de honra”: conteúdo textual e imagético  
de natureza encomiástica / 43**

**Cenas do cotidiano / 77**



# **Imprensa e caricatura sul-rio-grandense: o Zé Povinho**

Em termos jornalísticos, as últimas décadas do século XIX foram marcadas pela ascensão da imprensa ilustrada e humorística. Tendo por base a inserção da arte caricatural em suas páginas, mormente através do processo litográfico de impressão, tais periódicos associaram ao texto o uso da imagem, estratégia que caiu no gosto do público leitor, granjeando em geral significativa popularidade para esse tipo de publicação. A partir da prática de um jornalismo essencialmente crítico-opinativo, essas folhas apresentaram determinados elementos constitutivos das sociedades que retratavam pelo prisma da jocosidade, da pilhária, da ironia, da sátira e do sarcasmo.

O fenômeno da proliferação da imprensa de natureza caricata teve por epicentro a capital imperial e espalhou-se pelo Brasil, chegando às principais localidades da várias das províncias do Império<sup>1</sup>. Em tal

---

<sup>1</sup> A respeito desse processo, ver: FLEIUS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

contexto, surgiram semanários com os mais variados títulos, alguns deles com sólida afirmação e duração longeva, ao passo que outros tiveram uma sobrevivência mais frágil, notadamente em termos de sustentação, ficando condenados a uma existência mais efêmera. A mais meridional das unidades administrativas imperiais também viu nascer e proliferar o jornalismo voltado à caricatura, contando o Rio Grande do Sul com periódicos desse gênero desde a década de 1860 até o encerramento do século de forma praticamente ininterrupta<sup>2</sup>.

As cidades gaúchas que contaram com representantes da imprensa ilustrada e humorística foram a capital Porto Alegre, a localidade detentora do porto marítimo provincial, Rio Grande e a cidade de Pelotas. A comunidade pelotense do século XIX tornou-se um polo de desenvolvimento econômico, principalmente a partir das atividades vinculadas ao setor pecuário-charqueador. Os progressos econômicos da urbe propiciaram uma gradual evolução também no campo urbano e demográfico e, a partir de tal conjunto, adviria também um aprimoramento cultural, traduzido por inúmeros fatores, dentre eles um incremento às lides jornalísticas. Em termos de imprensa, a cidade de Pelotas contou com periódicos de variados gêneros, desde consolidadas publicações diárias até várias edições que compunham o que se poderia denominar de pequena imprensa, com condições mais precárias de existência, no seio da qual apareciam os hebdomadários de cunho caricato.

---

<sup>2</sup> Sobre o periodismo caricato rio-grandense-do-sul, observar: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Constituindo “já um centro de intensa vida social na última trintena do século XIX, Pelotas, tanto quanto Porto Alegre e Rio Grande” não deixou “de servir-se do jornalismo caricato, como complemento indispensável a uma imprensa diária de interesses gerais, fortemente atuante como era a sua”. Em tal “esfera, formaria em terceiro lugar, cronologicamente”, pois só ao final da década de 1870 “ali surgiria uma folha do gênero, a competir com as demais já em curso na província”. Mesmo assim “a cidade progressista” não iria “encolher-se, vexada do atraso, pois o que perdera em tempo ganharia na qualidade”, em relação aos periódicos postos “em circulação em seus domínios”<sup>3</sup>.

Os mais importantes semanários ilustrado-humorísticos que circularam em Pelotas foram *O Cabrion* (1879-1881) e *A Ventarola* (1887-1890). Em meio à circulação desses dois títulos, um outro periódico foi editado no seio da urbe pelotense, este de vida bem mais fugaz, tendo sido editado entre janeiro e julho de 1883, permanecendo como folha ilustrada apenas até abril, vindo a estender sua existência como publicação literária sem a presença imagética. Tratava-se do *Zé Povinho*, “publicado por F. R. Noronha”, com a redação localizada à Rua 7 de Setembro. Era impresso na Tipografia e Litografia do *Correio Mercantil*, um diário pelotense, e sua assinatura custava em Pelotas 16\$000 (ano), 9\$000 (semestre) e 5\$000 (trimestre); ao passo que, para fora da cidade, o valor passava a 20\$000 (ano) e 11\$000 (semestre); já o número avulso era vendido a 500 réis.

---

<sup>3</sup> FERREIRA, 1962, p. 199.

O frontispício do semanário era formado pelo seu próprio título, com as letras “z” e “e” entrecruzadas e atravessadas pelo crayon, instrumento utilizado pela arte litográfica e que se tornou praticamente um símbolo das lides caricaturais. O periódico adotou por lema a expressão “Honi soit qui mal y pense”, que trazia por significado um maldiçoar aquele visse maldade no que estava sendo apresentado. O nome do periódico “Zé Povinho” tinha por inspiração a criação de um personagem promovida pelo caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro, que, por meio de tal figura, buscou estabelecer um estereótipo do povo português<sup>4</sup>. O Zé Povinho estabelecido por Bordalo Pinheiro

---

<sup>4</sup> Acerca do Zé Povinho, ver: ALVES, Francisco das Neves. *Presenças do Zé Povinho nas páginas dos periódicos Pontos nos ii e Antônio Maria (1890-1894)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.; FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. 3.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.; MEDINA, João de. O Zé Povinho, caricatura do “*homo lusitanus*”: estudo de história das mentalidades. In: *Estudos em homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: INIC, 1992.; MEDINA, João. No 130º aniversário do Zé Povinho: Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, autocaricatura do português. In: *Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa, n. 4, 2005.; MEDINA, João. *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro – pai do Zé Povinho*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.; PIMENTEL, Rui. *O Zé Povinho e outras caricaturas*. Lisboa: Câmara Municipal, 2004.; SOUSA, Osvaldo de. *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991.; e SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, 1998. v. 1.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

ultrapassou o oceano e chegou ao Brasil, vindo a ser adotado também como um símbolo da população brasileira. Ainda que a construção imagética em torno do personagem não tenha seguido estritamente a concepção estabelecida por Pinheiro, a publicação pelotense trouxe em seu título o espírito crítico por ele inspirado.

No contexto brasileiro, tal figura, um “eterno anônimo”, passou a aparecer recorrentemente “nas páginas dos jornais, no anedotário” e na caricatura<sup>5</sup>. Tal processo se intensificou nas últimas décadas dos Oitocentos, quando “passam a frequentar as páginas” das folhas caricatas “as inúmeras variações do Zé-Povo brasileiro”, de modo que, progressivamente, saía “de cena o vigoroso índio para representar o Brasil”, surgindo em seu lugar “o povinho das ruas”, em seus diversos matizes, o qual “vai aos poucos penetrando nas frestas que a caricatura política vai deixando entreabertas”<sup>6</sup>. As “ambíguas definições” do “suporte crítico” do Zé Povo e a “referência causal dirigida ao governo e à política” viriam a servir “como catalizadores na emergência de um sujeito indagador, capaz de elaborar sua carência de poder como traço de união” entre ele próprio “e a totalidade da população, produzindo a ideia desse todo” e “circunscrevendo a força do Estado no lado oposto ao seu e tendendo a aproximar poder político e riqueza”. Nesse quadro, “o

---

<sup>5</sup> LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: a República no Catete*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. p. 15.

<sup>6</sup> LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 61.

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

humor assumia a função de interpretar” um “lado oculto” da “opressão, alimentando a desconfiança sobre a aparência imediata das relações de poder”, assim como “satisfazendo a voracidade de seu destinatário na denúncia das sutis astúcias de que tais relações se revestiam”<sup>7</sup>.



- Frontispício do número inaugural do Zé Povinho -

Na primeira representação imagética do Zé Povinho nas páginas da folha caricata pelotense, ele aparecia de chapéu à mão, com o crayon ao ombro, saudando os demais jornalistas da imprensa citadina, cujos títulos de suas publicações apareciam identificados em suas respectivas penas, um símbolo da sua atividade

<sup>7</sup> SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 88 e 90.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

como escritores públicos. Estes também se encontravam com as cabeças descobertas, em sinal de consideração à novel edição. A legenda era breve e direta: “Zé Povinho saúda os seus colegas e pede-lhes proteção”<sup>8</sup>. Com o passar das edições, a figura do *Zé Povinho*, além da representação da própria redação, adquiria também a caracterização de repórter, seguindo pela cidade à procura de notícias, como no caso da caricatura em que aparecia montando um burro<sup>9</sup>, ou ainda em outra oportunidade na qual surgia não só fazendo a cobertura, como também participando das folias carnavalescas<sup>10</sup>.

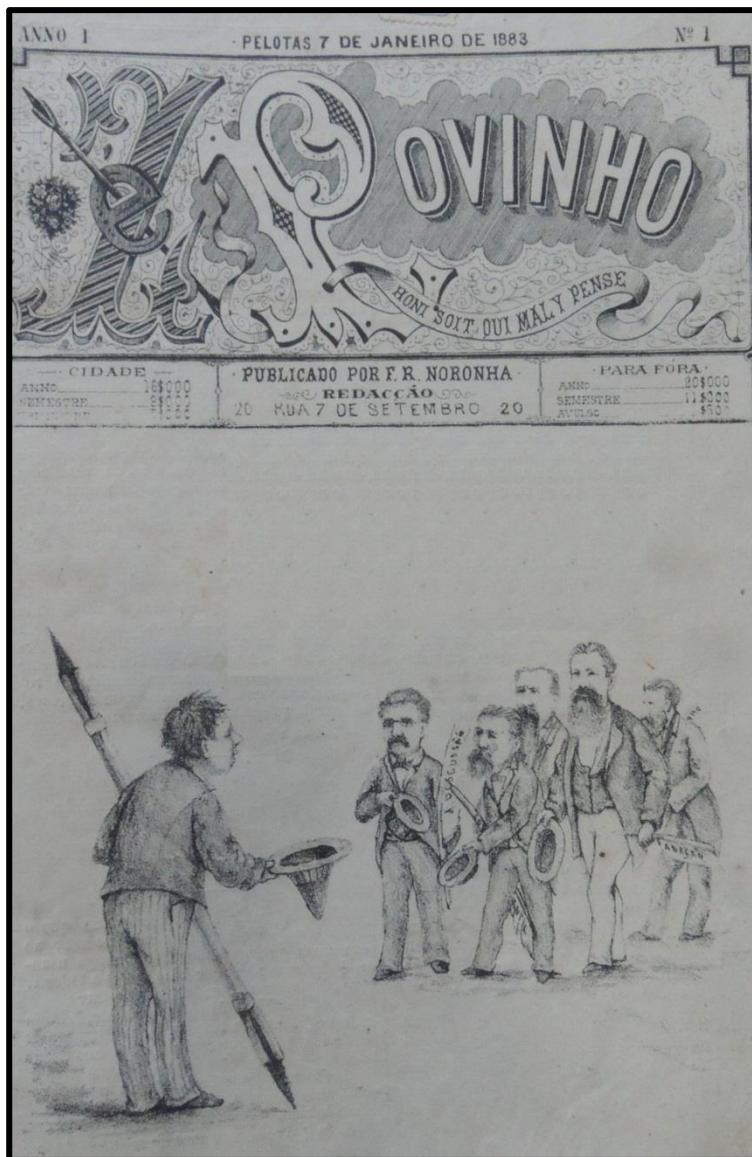
---

<sup>8</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 1.

<sup>9</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 8.

<sup>10</sup> ZÉ POVINHO, 4 fev. 1883, p. 1.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ao apresentar seu programa, o hebdomadário expressava seus intentos editoriais:

### QUEM SOU?

Já o sabem: Zé *Povinho*, sem tirar nem por, a ordem personificada quando lhe garantem os direitos e liberdades, a revolução incendiária quando lhe absorvem as crenças e aspirações.

Zé-*Povinho*, sim, ele mesmo, pequeno, resignado na adversidade, gigante, leão, nas tempestades sociais.

Zé-*Povinho*, a encarnação do belo e do sublime, o símbolo do trabalho e do progresso, a irradiação das ideias úteis e generosas, a buzina da ciência através do espaço e do porvir.

Eis quem sou.

### DE ONDE VENHO?

Do Cairo, Malta, de Nazaré, do Egito, desse mundo infinito (Tomás Ribeiro), onde se planta a batata, come-se a castanha, cresce o champinhom, fabrica-se o talharim e exporta-se o chocolate Minier.

Compreendem, não?

Sou cosmopolita.

Penso que Deus é um e o mundo pátria de todos nós.

### PARA ONDE VOU?

Eu sei!

São tantos os projetos, tantas as vontades e esperanças, que pretendo chegar ao país do belo ideal, à terra prometida dos risos e distrações, se à feição os ventos forem, se a bússola regular e o maquinismo não sentir falta de combustível.

É uma viagem de experiência pelos mares nunca dantes navegados da publicidade que entretém

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

com a crítica inofensiva e diverte com a caricatura sem remoques.

Nas minhas malas, tenho risos e alegrias, flores e perfumes, harmonias e esperanças para distribuir pelo caminho a todos quantos me honrarem com a sua benevolência.

No itinerário da viagem escrevi – progresso, instrução e trabalho.

Ao chegar ao país imaginado, hei de lá procurar o útil e o agradável, glórias e felicidades para tudo enfeixar e depor ante a majestade augusta da nobre e altiva Princesa do Sul.

---

E agora que sabem.

Quem sou.

De onde venho.

E para onde vou.

Acompanhem-me na jornada, estendam-me a mão protetora, deem-me vigor e coragem, que em recompensa prometo, a tudo e a todos.

Amizade e gratidão.<sup>11</sup>

Também nas mensagens de apresentação, o Zé *Povinho*, em nome da redação, desejava “bons anos” ao seu público, destinando mensagem a um nicho alvo que pretendia atingir, no caso, o segmento feminino, ao referir-se à suas “leitoras”. Tal público era enfatizado “como os pintassilgos saúdam o despontar da aurora, como o poeta saúda o descambar do sol” e “como o pintor saúda a natureza na expansão ruidosa da sua majestade”. Dizia que tal ato equivalia a “saudar as

---

<sup>11</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 2.

flores, as brisas, o céu límpido e sereno das noites de esplêndido luar, de amor e poesia". Ainda a respeito do público feminino, definia-o como sendo "a inspiração, a esperança, a força que alenta" aos "sonhadores, através desse espaço infinito de devaneios e fantasias", nos quais "se encontram felicidades e glórias, o néctar salutar que suaviza as agruras da existência" e "a luz que encaminha através do destino e do futuro". Arrematando o texto destinado à "leitora", destacava que "a tua imagem ergue-se sempre altaiva onde se ostenta o belo e o sublime, nas alegrias da família, no sorrir dos meigos filhinhos, no terno coração do esposo", bem como "no pensamento do ente que os teus olhos enamoraram" e, "enfim, na rosa que desabrocha, no perfume que embriaga, na estrela que cintila no firmamento"<sup>12</sup>.

Tendo em vista a época que surgia, no alvorecer de 1883, o semanário desejava "boas festas" aos leitores, dizendo que "é ao despontar de um novo ano que o Zé Povinho tem a honra de se apresentar ao respeitável público, e, segundo antiga usança", seria "dever seu desejar boas festas a todos... que o favorecerem com suas assinaturas". A partir daí, buscava localizar alguns dos segmentos que pudessem se interessar pela sua leitura, como no caso do comerciante, a quem desejava bons resultados em suas operações. Seguia então a manifestação de seus desejos, como em relação ao médico, para que curasse todos seus doentes; ao empregado de balcão ou repartição, que tivesse aumento em seu ordenado; ao rico, que aumentasse seus capitais; ao pobre, que deixasse de sê-lo; ao noivo que lhe fosse

---

<sup>12</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

feliz o matrimônio; a quem fosse moço e bonito, que obtivesse propícia fortuna; ao feio e *maduro*, que os cosméticos e cremes lhe devolvessem a frescura e os encantos que o tempo roubou; e, enfim, a todos em geral e a cada um em particular, para os quais desejava a feliz realização do seu mais ardente sonho<sup>13</sup>.

O hebdoadário ilustrado e humorístico pelotense propunha-se a receber material publicitário em suas páginas, assim como a realizar serviços de impressão, atividades que poderiam servir como elemento complementar à arrecadação. Nesse sentido, indicava em “Aviso” de que aceitava “anúncios ilustrados por preços muito razoáveis”, e também imprimia “qualquer obra do comércio em condições vantajosas”. A estratégia da distribuição antecipada para angariar favorecedores também foi utilizada pelo *Zé Povinho*, conforme o “proprietário” comunicava “ao público”, ao declarar que, “fazendo hoje distribuição geral do nosso periódico, como é de praxe, rogamos às pessoas que não queiram favorecer-nos com suas assinaturas”, que fizessem “o favor de devolvê-lo no escritório da redação, ficando, do contrário, consideradas no número dos nossos assinantes”<sup>14</sup>.

A acolhida do novo periódico em meio à comunidade foi destacada pelo próprio *Zé Povinho*, em editorial denominado “Gratidão”. Dizia o semanário que “à generosa população pelotense tributamos sincera gratidão pelo benevolente acolhimento que se dignou dispensar ao nosso modesto jornal”. Também garantia que haveria de procurar compensar o público,

---

<sup>13</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 2-3.

<sup>14</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 7.

“trabalhando por seus interesses e direitos, zelando seus créditos e empenhando todos os esforços para ser agradável”. Reconhecia saber que “o nosso pequeno jornal não é ainda, nem o podia ser com os insignificantes recursos de que dispomos, uma perfeição em seu gênero”, mas afiançava que o mesmo haveria de “melhorar e colocar-se na altura do progresso da localidade, vencidas que sejam as dificuldades inerentes a todas as empresas que começam”. Ao final, demarcava esperar “que o público nos releve por enquanto as faltas que temos de incorrer pela carência absoluta de recursos”, prometendo “não descuidar em melhorar a parte material do *Zé Povinho*” e confessando “nosso reconhecimento” aos leitores<sup>15</sup>.

A gratidão ficava igualmente expressa em relação aos demais representantes do jornalismo pelotense, destinando coluna intitulada “À imprensa local”, na qual a redação tributava “também os nossos agradecimentos às ilustradas redações” dos jornais citadinos, “pela maneira honrosa por que acolheram o *Zé Povinho*”. Segundo o hebdodomário, tais comentários animavam “como valioso auxílio que nos prestam e havemos de procurar corresponder por todos os meios ao generoso conceito com que nos distinguiram”. Daí em diante a publicação ilustrada passava a “reproduzir as palavras” com as quais os periódicos promoveram a recepção à novel folha<sup>16</sup>.

A mais longa manifestação era a do *Correio Mercantil*, que noticiava a saída “de nossas oficinas” de “um jornal literário e ilustrado, propriedade do Sr.

---

<sup>15</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 2.

<sup>16</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Francisco Rodrigues Noronha e redação de diversos". O diário descrevia o conteúdo das páginas ilustradas e citava que "a parte literária consta de escritos recreativos, charadas, logografos, etc.". De acordo com o jornal, não seria "possível dizer que o Zé Povinho seja desde já um periódico de primeira ordem no seu gênero", pois constituía "apenas um ensaio em relação aos recursos da atualidade". Descrevia que "o artista que o desenhou trabalha pela primeira vez em pedra litográfica, e por isso teve de lutar com as dificuldades que oferecem todas as coisas em princípio", entretanto, "não se pode negar-lhe bastante gosto e inteligência, para apresentar trabalhos de mais importância, logo que a prática o coloque no domínio dos segredos da arte". Na opinião do *Correio Mercantil*, "o que, sobretudo, recomenda o Zé Povinho é a modéstia e a seriedade com que se apresenta e os desejos que manifesta em ser útil e agradável à população"<sup>17</sup>.

Outro jornal citado foi a *Discussão* que notificava a saída "à luz da publicidade do periódico ilustrado que se imprime nas oficinas do Correio Mercantil". Tal publicação fazia breve descrição da parte ilustrada e constatava que "o texto é escrito em estilo ameno e bem desenvolvido; pelo que lhe auguramos a melhor aceitação do nosso público", vindo a desejar-lhe "toda a prosperidade" e a saudar "com efusão o novo defensor da democracia". Já o *Diário de Pelotas* apresentava o lançamento do novo semanário, fazendo "votos para que jamais se afaste do seu programa, entretendo os seus leitores com a crítica inofensiva e divertindo-o com a caricatura sem remoques". O *Onze de Junho* aceitava

---

<sup>17</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 2.

grato “a amável saudação que nos dirige o novo colega”, desejando-lhe “longa e próspera existência”. Mais sucinta e protocolar, a *Nação* limitava-se a notificar o recebimento “do primeiro número deste jornal caricato que começou a publicar-se nesta cidade”<sup>18</sup>.

A partir de seu terceiro número, o semanário ilustrado e humorístico pelotense passou a tomar a providência de realizar breve descrição de seu segmento ilustrado. Nesse sentido, publicou o aviso “Os nossos desenhos”, esclarecendo que “nunca são demais as explicações”, pois, “às vezes até a economia delas dá lugar a equívocos” Dessa maneira, para evitar tais possíveis mal-entendidos, “e mesmo para tornar mais claros os nossos pensamentos, daremos de ora avante uma explicação dos nossos desenhos humorísticos”, com o “intuito de poupar o trabalho de interpretação aos nossos caríssimos leitores”. Frente a essa atitude, o hebdomadário pedia “aos nossos ilustres colegas da imprensa diária a reprodução da descrição que fazemos dos nossos desenhos como proteção a esta modesta empresa”<sup>19</sup>.

As explicações em torno da parte ilustrada pareciam preocupar a redação do periódico, tanto que insistiu no aviso a respeito dos “nossos desenhos”, continuando “a pedir aos ilustres redatores da imprensa da localidade o especial favor de transcrever a descrição que fazemos dos desenhos como proteção ao *Zé Povinho*”. As dificuldades para a manutenção de uma folha caricata já ficavam demarcadas nos primeiros tempos de existência do hebdomadário, como no caso da

---

<sup>18</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 2.

<sup>19</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

perda de seu desenhista, esclarecida na coluna “Saibam todos”, acompanhada da explicação de que, “por esquecimento, deixou de sair este artigo no número anterior”. Nesse sentido, informava que “o artista que desenhou os dois primeiros números cá do Zé, deixou-nos a ver navios no alto de Santa Catarina”, de modo que, no momento em que “reinava inteira paz, abandonou o posto como qualquer recruta em tempo de guerra”. Em referência a tal obstáculo, constatava que fora “pena, porque prometia muito”, mas, “para não morrer do mal de sete dias, o Zé procurou substituto”, o qual foi, “felizmente”, encontrado, “se não reunindo todas as condições necessárias, pelo menos com bastante vontade e coragem para corresponder o melhor possível às exigências do público”. Diante de tal circunstância, solicitava aos leitores que o novo contratado fosse aceito “com essas qualidades, até que a experiência lhe traga outras de mais valimento”, bem como pedia “paciência” e que fossem “condescendentes”, pois “os bons desenhistas não se fazem num dia nem se fabricam em olarias”<sup>20</sup>.

A boa recepção do semanário foi também constatada na nota “Reclame para nós”, a qual descrevia a atitude de uma das personalidades destacadas em sua página de honra, a qual “teve a bondade de mandar ao nosso escritório buscar seis exemplares” do número “que continha o seu retrato”. Diante disso, constatava que “não podia merecer melhor aprovação e maior distinção o nosso trabalho”, ficando os redatores “orgulhosos e agradecidos ao distinto facultativo”. Em tom de gracejo, o periódico informava “Aos nossos

---

<sup>20</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 2.

fregueses” a respeito de uma propalada nova contratação. Assim, dizia que, “com o propósito de bem organizar o serviço desta empresa, acabamos de contratar um habilíssimo repórter, recém-chegado da Corte”. Propagandeando o novo funcionário em estilo exagerado e jocoso, dizia que o mesmo “já andou por Sorocaba, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Jacarepaguá”, além do que, “no Rio as suas proezas são sabidas por todos”. Ainda comentava a respeito do tal jornalista que “as suas pilhérias foram muito apreciadas no Rio de Janeiro” e, mantendo a toada hiperbólica, assegurava que, “como repórter não há quem o vença”, tanto que “o *Times* já o quis contratar, mas ele se esquivou alegando ter ojeriza aos *ingleses*”<sup>21</sup>.

Ainda a respeito de suas gravuras, o *Zé Povinho* agradecia “às benévolas expressões que nos têm dirigido os ilustres redatores da imprensa local e do Rio Grande”, permanecendo “a pedir-lhes, como proteção a esta modesta empresa, a reprodução da descrição que fazemos dos nossos desenhos”, atitude com a qual “nos prestam um grande serviço e a ninguém prejudicam”<sup>22</sup>. O periódico chegava a reclamar de seus colaboradores que enviavam passatempos, como o caso de “um português”, sobre o qual era dito que “o seu logogrifo tem dente de coelho”, pois o mesmo teria sido dado “a entendidos na matéria”, os quais “ficaram no *ora veja*”, de modo que não foi possível a sua publicação “sem prévia sindicância”, para assim “evitar abusos”, já que

---

<sup>21</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 2

<sup>22</sup> ZÉ POVINHO, 4 fev. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

“o Zé é muito escrupuloso para garantir sua seriedade e inspirar confiança aos respeitáveis contribuintes”<sup>23</sup>.

As cobranças aos assinantes inadimplentes, típicas dos representantes da pequena imprensa, também foram exercidas pelo *Zé Povinho*, como ao avisar “Aos nossos favorecedores” que continuava “no gozo de perfeita saúde”, mas sentia “apenas falta daquilo com que se compram os melões”. Mais uma vez em relação aos colaboradores, explicitava que já tivera “ocasião de dizer a alguém que não publicamos charadas, enigmas ou logografos sem que venham acompanhados da competente decifração”, em um quadro pelo qual “a lei é a mesma para todos”<sup>24</sup>. Ainda a esse respeito, dizia negar-se terminantemente a que suas páginas servissem para ataques, demarcando “que o *Zé Povinho* jamais prestará a servir de instrumento a pequenas vinganças”<sup>25</sup>.

A seção denominada “Recadinhos” servia para um contato mais direto com os leitores e, mormente, com os colaboradores. Em uma delas, negava-se a “dar licença” a um colaborador, uma vez que não tolerava “caceteações”. Demarcava ainda que “os seus versos ficam arquivados na caixa das... coisas inúteis, por se assemelharem muito com os do *inspirado Corpo Santo*”. Com ironia referia-se a um “Charadista mor”, constatando que “as suas charadas são muito difíceis de serem decifradas”, vindo a citar um exemplo - “1 - extremidade do homem; 2 - que na Itália foi poeta”, diante do que “não precisa cansar muito a paciência para

---

<sup>23</sup> ZÉ POVINHO, 11 fev. 1883, p. 2.

<sup>24</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 3.

<sup>25</sup> ZÉ POVINHO, 11 mar. 1883, p. 2.

saber que a decifração é *pedante*". Diante disso, expressava "o conceito que é nosso: - pretendendo ter talento, não passas de um pateta". No que tange a um "Dinâmico", informava que não publicara "o seu artigo porque não queremos incorrer no desagrado dos ilustres artistas pirotécnicos", os quais seriam "capazes de conspirar contra nós e, com alguma bomba explosiva, fazerem voar o Zé *Povinho* como fizeram os niilistas ao desgraçado czar da Rússia". Ouve também uma resposta para "Zé da Eira", expressando que "as suas lamúrias enterneceram-nos deveras e, como não queremos que as nossas leitoras sofram algum chilique ao lê-las, não as publicamos", de forma que seria "melhor remetê-las diretamente à sua "Zefa" e dê-lhe saudades nossas"<sup>26</sup>.

O semanário chegou a utilizar-se de suas páginas para fazer queixas contra os serviços postais, como no caso do "recado" enviado ao administrador do Correio de Porto Alegre, pedindo "notícias de um maço de jornais", com doze de seus exemplares, que fora remetido de Pelotas, de modo que seria "bom que nos dê informações a fim de não ficarmos na desconfiança de que nessa repartição há *ratos* amigos da leitura gratuita". A redação foi incisiva em relação a um "Sr. Q.", dizendo que "queira para sempre esquecer-se de nós", já que "estamos cansados de aturar as suas caceteações". No que se refere ao "notável" jornalista que anteriormente anunciara a contração, constatava que "há muito que não nos aparece este nosso *repórter*", de maneira que, "quem dele souber notícias, queira transmiti-las a esta redação, que será gratificado se o exigir"<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> ZÉ POVINHO, 18 mar. 1883, p. 3.

<sup>27</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Ao completar seu primeiro trimestre de circulação, o *Zé Povinho* publicou editorial denominada “Ao respeitável público”, festejando a chegada a tal marco e demarcando que não pretendia se imiscuir nas práticas da pasquinagem, dirigindo seu escopo aos interesses citadinos:

Três meses são passados que começamos a publicação deste semanário ilustrado e literário.

Dissemos no primeiro número que o nosso fim era todo de utilidade pública e de recreio para esta adiantada sociedade.

Temos convicção de haver cumprido exatamente a nossa promessa.

Nunca escrevemos uma palavra nem apresentamos um desenho ofensivo a quem quer que seja.

Pertencemos à imprensa séria e moralizada.

Temos disso desvanecimento.

Publicamos um periódico, e não um pasquim.

Procuramos recrear e não produzir descontentamentos ou provocar odiosidades.

Pode ser que pensando e procedendo assim não estejamos com a época nem de acordo com a opinião de uma grande parte de nossos leitores.

Há muita gente que gosta do escândalo, que adora a calúnia e o “diz-se” das ruas, que prefere o retrato de um homem ilustre à figura de um personagem cômico desenhado com orelhas de Midas no momento de qualquer fragilidade.

A tendência humana não morre de amores pelo belo e pelo útil. – Inclina-se mais para o burlesco que produz a sensação da hilaridade, embora com sacrifício da inocência e da moralidade.

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Nós não aprendemos a traçar desses quadros.

Conhecemos que é um erro para os nossos interesses. – Talvez tivéssemos mais assinantes se antepuséssemos a intriga e a maledicência à crítica modesta e inofensiva.

Preferimos, porém, sofrer as consequências do nosso erro a publicar uma folha que degrade o sacerdócio da imprensa e concorra para dar tristes ideias do nosso adiantamento moral e intelectual.

Zé *Povinho* quer ser um dos mais humildes obreiros do progresso e da civilização desta cidade.

O seu passado de três meses e os esforços que tem envidado para ser útil e agradável ao público provam as suas intenções e o propósito em que se acha de fazer sobressair tudo quanto aqui houver digno de menção e apreço.

E daí não nos afastamos, sejam quais forem os resultados.

O público pelotense pode, pois, com plena confiança, dispensar-nos sua proteção, que saberemos correspondê-la com a mais sincera dedicação aos seus interesses e aos créditos da localidade.

Um periódico nestas condições, dissemos-lo afoitamente, é uma necessidade e um melhoramento para Pelotas.

Aos que assim entenderem, desde já estendemos a mão de artistas e obreiros do progresso.<sup>28</sup>

O escritório do hebdomadário matinha intercâmbios com outras redações, enviando seus

---

<sup>28</sup> ZÉ POVINHO, 1º abr. 1883, p. 2.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

exemplares, na expectativa de receber números de outras publicações em troca. Tal permuta chegou a um patamar internacional, como demonstrado na notificação segundo a qual fora recebida uma “importante folha que se publica em Águeda, Portugal”, vindo a agradecer ao ilustre colega as benévolas palavras que se dignou dirigir ao modesto *Zé Povinho*”. Houve também outra negativa de colaboração, ao informar “Rufos”, que “há por aqui muito quem nos amole e por isso dispensamos o seu *tambor*”. Ocorreria o mesmo com “Flor em tina”, para a qual argumentava que, “se fosse em vaso talvez a aceitássemos, mas em tina... só alguma lavadeira”. Para uma “Exma. Sra....”, “o Zé agradece com abundância de coração as ternas confidências que V. Ex. se dignou transmitir-lhe pelo moleque das balas”. O tal repórter desaparecido e considerado como um “desertor”, teria sido encontrado “no alto da caixa de água, estudando o... *Alcorão*”<sup>29</sup>. As cobranças realizadas pelo periódico ganhavam veemência, como a feita para com os “Srs. Marralheiros”, demarcando que “não nos parece curial que depois de VV. SS. terem recebido 12 números do Zé, neguem-se a satisfazer a importância da assinatura, sob os mais tristes pretextos”. Considerava que tal ato, “além de pouco cavalheirismo é... indecente, portuguesmente falando”, além de concluir que “cada um dá o que tem”<sup>30</sup>. Ainda quanto às cobranças, a figura do Zé *Povinho* aparecia, deixando cair o chapéu, o crayon e um exemplar do periódico ao chão, sorrindo, ao transformar figurativamente os seus assinantes inadimplentes em Judas, representados como homens enforcados em um

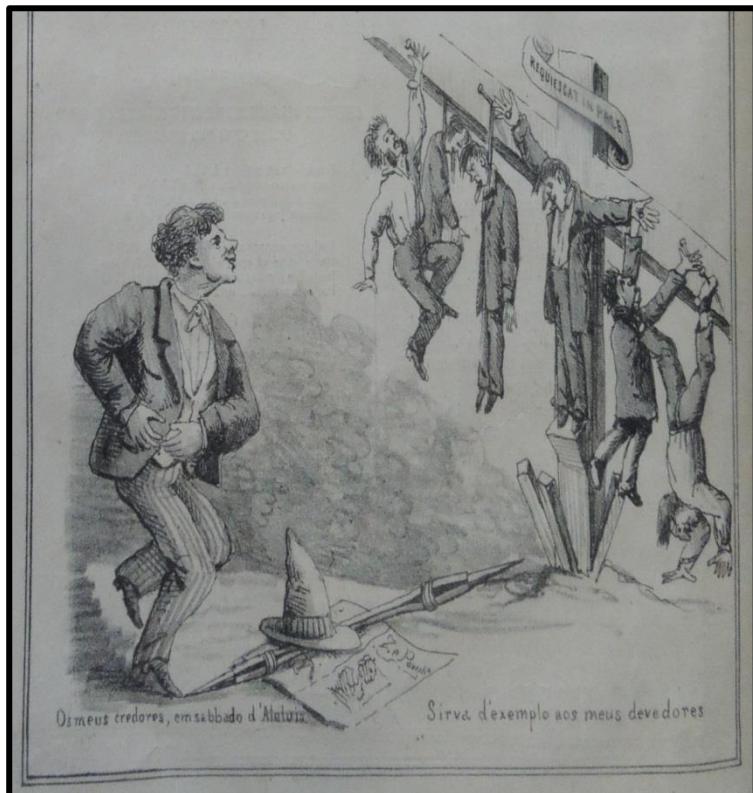
---

<sup>29</sup> ZÉ POVINHO, 8 abr. 1883, p. 2.

<sup>30</sup> ZÉ POVINHO, 15 abr. 1883, p. 3.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

poste, bem de acordo com os festejos daquela época do ano, aparecendo por legenda: "Os meus credores em sábado de aleluia. Sirva de exemplo aos meus devedores"<sup>31</sup>.



<sup>31</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 8.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

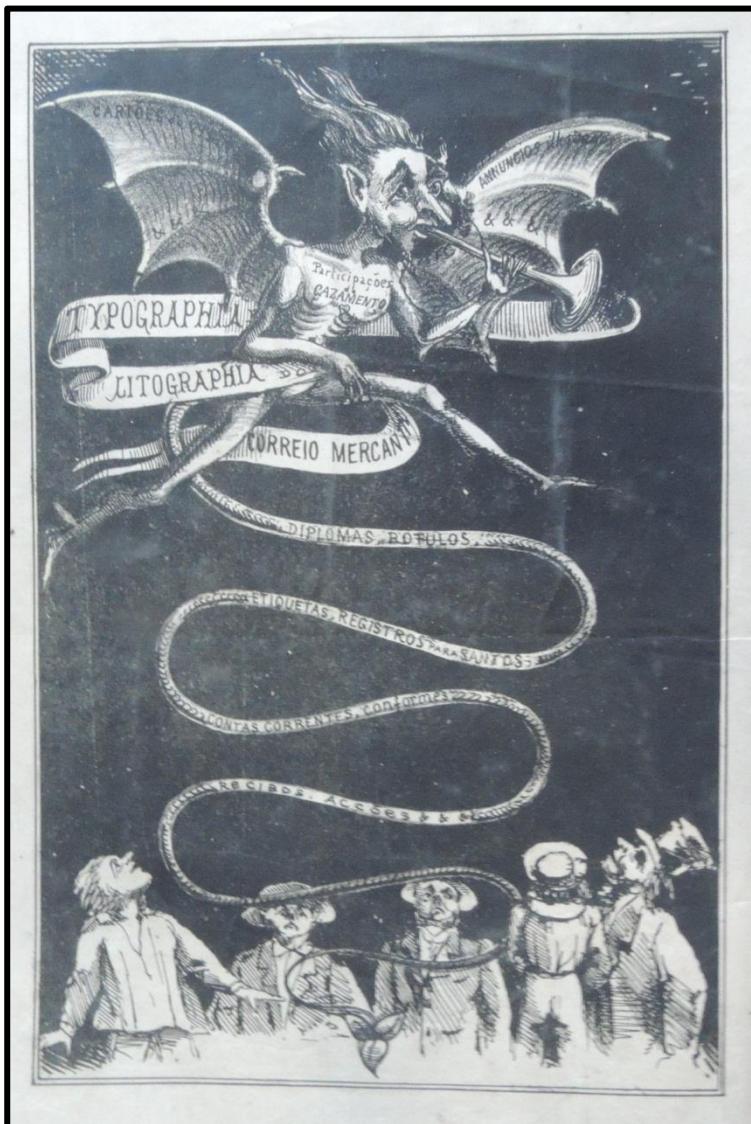
As boas relações com a imprensa eram ainda mais íntimas com o *Correio Mercantil*, em cujas oficinas o Zé *Povinho* era impresso. Nesse sentido, chegou a publicar uma propaganda dos serviços prestados pelo diário pelotense, na qual uma figura alegórica, por meio de sua trombeta, propagandeava a população, trazendo o “anúncio dos trabalhos que se fazem na tipografia e litografia do *Correio Mercantil*”, que, “neste gênero”, aceitava “qualquer publicação por preços sem rival”, como cartões, anúncios, participações de casamento, diplomas, rótulos, etiquetas, registros para santos, contas correntes, conformes, recibos e ações<sup>32</sup>. A proximidade entre o semanário e o diário foi também demonstrada por meio de gravura na qual as redações de ambos irmanavam-se nas comemorações em honra ao fundador da imprensa, por meio de gravura que mostrava tal celebração junto à máquina tipográfica, explicitando que se tratava das “homenagens a Gutemberg nas oficinas do *Correio Mercantil*”<sup>33</sup>.

---

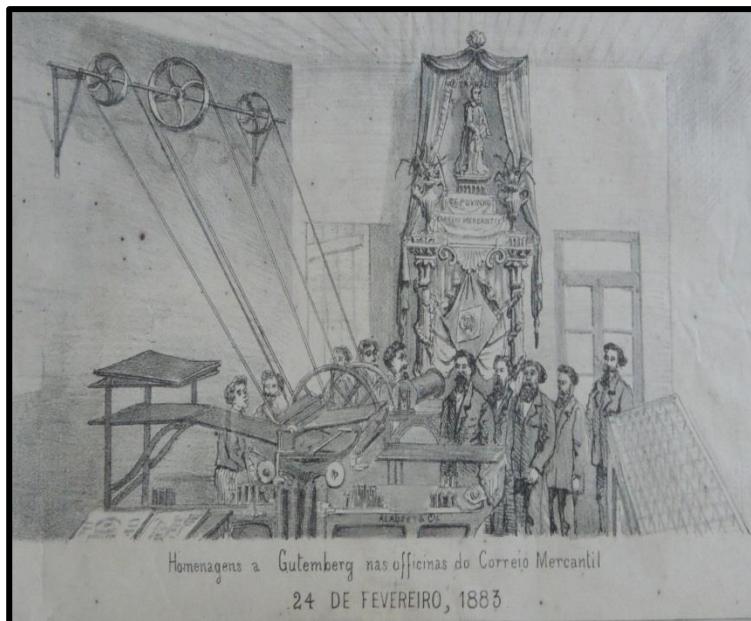
<sup>32</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 8.

<sup>33</sup> ZÉ POVINHO, 11 mar. 1883, p. 4.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS



Ao chegar à sua décima sexta edição, o *Zé Povinho* revelava os obstáculos à sua caminhada, mais especificamente quanto ao fato de novamente perder o seu desenhista. Dessa vez, a solução adotada passava a ser uma verdadeira guinada editorial, de modo que os responsáveis pelo periódico tiveram por opção a alternativa de que a publicação não fosse mais ilustrada, vindo a informar “Aos leitores”:

Um periódico nas condições em que estabelecemos o *Zé Povinho*, numa terra onde o útil e o agradável apenas ensaiam os primeiros passos da existência, encontra sempre imensas dificuldades que lhe perturbam o desenvolvimento e originam sacrifícios as mais

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

das vezes superiores aos esforços que se podem envidar para sustentá-los.

Infelizmente, temos sofrido repetidas contrariedades, não por parte do acolhimento público, que nos tem sido favorável, mas por parte dos artistas necessários para trabalhos desta ordem.

O nosso primeiro desenhista retirou-se logo após a publicação do número 2, sem que a isso dessemos lugar. O segundo desenhista acaba de proceder pela mesma forma, deixando-nos, conseguintemente, impossibilitados por algum tempo de continuar com a publicação tal qual a principiamos e temos sustentado, visto que em Pelotas não há artistas desse gênero para substituições em ocasião necessária.

Cessa, pois, a parte ilustrada do *Zé Povinho* até que chegue um outro desenhista que tratamos de contratar.

Continuamos, porém, a publicação literária, sob o mesmo programa que temos observado.

Envidaremos todos os esforços para corresponder à confiança pública e sustentar o nosso pequeno periódico na altura dos seus créditos adquiridos e das conveniências sociais.

Faltando-nos o lápis, resta-nos a pena.

Procuraremos suprir com esta os traços daquele e oferecer aos leitores o que de agradável e útil estiver nas forças dos nossos recursos intelectuais.

---

Enquanto não ilustramos o nosso semanário, diminuímos o preço da assinatura, que fica

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

estabelecida pela seguinte forma: - trimestre - 3\$000; semestre - 5\$000.

Aos nossos leitores pedimos desculpa desta resolução, motivada por força maior, e esperamos continuar a merecer sua valiosa proteção.<sup>34</sup>

A promessa da retomada do segmento ilustrado não viria a ser cumprida, restando ao periódico mais alguns meses de vida como folha estritamente literária. O Zé Povinho teve uma menor repercussão em relação aos seus congêneres pelotenses, notadamente no que tange ao espírito crítico e combativo em torno do ideário antimonárquico, assim como em suas páginas não chegaram a aparecer “conflitos entre a redação e outros jornalistas”, além disso, foi mais efêmero que os demais. Mesmo assim, não deixou de ser “um periódico significativo”, ao trazer imagens do cotidiano pelo prisma caricatural, bem como denúncias contra os malfeitos político-administrativos e mazelas sociais no âmbito pelotense em específico e no sul-rio-grandense como um todo<sup>35</sup>. Ao ver-se obrigado a abandonar sua seiva editorial como publicação ilustrada, o semanário também perderia significativa parte do interesse dos leitores, restando-lhe o caminho seguido por tantos dos representantes da pequena imprensa, com uma existência fugaz e cercada de atribulações. Ainda assim, o Zé Povinho cumprira um papel importante, mantendo

---

<sup>34</sup> ZÉ POVINHO, 22 abr. 1883, p. 1.

<sup>35</sup> LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: a imprensa ilustrada em Pelotas no século XIX*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 49-50.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ativa a ação do jornalismo ilustrado e humorístico na cidade de Pelotas.

# A “página de honra”: conteúdo textual e imagético de natureza encomiástica

Uma das tradições de muitas das folhas ilustrado-humorísticas do século XIX, a qual foi igualmente seguida pelo *Zé Povinho*, era a utilização da “página de honra” para homenagear determinadas personalidades, apresentando, em geral, o retrato do personagem na primeira página e um conteúdo textual trazendo elogios e dados biográficos acerca do mesmo, prevalecendo o tom encomiástico como pauta da abordagem. O encômio representa uma expressão de louvor, com um texto em homenagem a alguém, podendo ser sinônimo de elogio, e seu conteúdo louva ou glorifica pessoas, ideias ou objetivos. Equivale ainda à apologia, que teve inicialmente o sentido de defesa e justificativa de doutrinas, escritos, causas ou ações, passando, posteriormente, por extensão de tal sentido, a ter o significado de elogio ou louvor<sup>36</sup>.

Tais textos carregavam consigo o elogio, que constitui uma composição solene ou discurso em honra de alguém, vindo a significar também louvor, sendo sinônimo de encômio, havendo ainda outros termos igualmente relacionados como elegia, monódia, trenó ou trenódia. Envivia também o enfoque panegírico, ou

---

<sup>36</sup> SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 169 e 45.

seja, um discurso solene ou composição escrita em louvor de alguém, designando um elogio formal e incondicional. Muitas das colunas e imagens encomiásticas do Zé *Povinho* demarcavam, em especial, uma peça oratória em louvor de uma pessoa falecida, constituindo o elogio fúnebre. Nesse sentido, traziam em si um conteúdo triste e melancólico, tratando-se em especial de um texto fúnebre, sugerindo ainda uma expressão de pena e desgosto<sup>37</sup>. Em tal ação jornalística fundamentada na finitude da vida, o periódico cumpria um papel essencial associado à publicidade da morte<sup>38</sup>, de modo que as lembranças do falecido compõem uma forma figurada da continuidade de sua presença no mundo<sup>39</sup>. Ficava assim estabelecido um verdadeiro culto à memória do morto<sup>40</sup>, conferindo-lhe uma espécie de sobrevida, incrementada no caso de personagens considerados ilustres<sup>41</sup>.

A primeira homenagem prestada pelo Zé *Povinho* foi realizada em relação ao parlamentar francês Leon Gambetta, morto recentemente. O retrato do político foi estampado nas duas páginas centrais do periódico pelotense, o qual também noticiou que, “com a velocidade do raio transmitiu-nos o telégrafo a nova

---

<sup>37</sup> SHAW, 1978. p. 165, 339 e 163.

<sup>38</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

<sup>39</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

<sup>40</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

<sup>41</sup> GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

fatal”, ou seja, “Miguel Leão Gambetta deixou de existir”. Afirmava que o personagem “finou-se quando mais preciso era o concurso do seu robusto talento à causa da democracia francesa”, diante do que passava a esboçar, “em largos traços, a sua biografia”. Após trazer os apontamentos biográficos a respeito da personalidade em pauta, o semanário dizia que, “em homenagem à veneranda memória do ilustre democrata francês, oferece hoje a seus leitores o seu retrato”<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 3, 4-5.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Outro tributo prestado pelo hebdomadário destinou-se a uma personalidade da área médica,

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

afirmando o periódico que “temos a honra de apresentar hoje em nossa primeira página o busto do Sr. Dr. Hilário de Gouveia, médico oculista, atualmente nesta cidade”. Considerava que tal indivíduo era “uma glória do Brasil e um benemérito da humanidade”, em um quadro pelo qual “na Europa tem uma reputação firmada como grande notabilidade no tratamento de todas as moléstias dos olhos”, assim como, “no país goza de uma espécie de veneração, pelos seus vastíssimos conhecimentos científicos e grandeza de qualidades”. Dizia ainda que o oculista, “em Pelotas, tem feito verdadeiros prodígios”, de modo que, “criaturas privadas da vista, umas de nascença e outras por antigos padecimentos, aí estão já restituídas à luz, gozando dessa suprema felicidade”. A respeito do personagem exaltado, o periódico destacava igualmente que “à sua inteligência e ilustração reúne um caráter franco, jovial e filantrópico, que o distinguem excessivamente e fazem o mais sublime apanágio do homem da ciência”, de maneira que prestava “homenagem de apreço e admiração ao Sr. Dr. Hilário de Gouveia”<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 1 e 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Identificado como senador rio-grandense e atual ministro da agricultura, a ênfase do semanário caricato

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

recaía sobre o Dr. Francisco Henrique de Ávila, apresentando em sua “primeira página o retrato do ilustre rio-grandense”. Buscava esclarecer que “não há a menor significação política em nosso procedimento”, pois estaria a tratar “unicamente de prestar homenagem de apreço e admiração ao homem que por seu talento e atividade, pelo seu patriotismo e dedicação ao trabalho”, tinha “atingido as eminentes do poder e conquistado no país uma reputação honrosa e um nome rodeado de justas considerações”. Referindo-se aos trabalhos e aos cargos públicos ocupados pela personalidade, a folha dizia que ele “revelou sempre em toda a sua vida pública a mais sincera austeridade de princípios e a mais decidida vocação para as lutas gloriosas”, nas quais “o homem se eleva pela coragem, pela perseverança, inteligência e atividade”. O homenageado era ainda definido como “um caráter prestativo e generoso, francamente acessível e expansivo” e, “ao mesmo tempo, bastante perspicaz e sensato para conhecer e julgar sem comprometer as suas vontades e aspirações”, tendo “a grande virtude do trabalho e o nobre sentimento do patriotismo”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 1 e 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O “fundador do Laboratório Homeopático Rio-Grandense” e “proprietário do Parque Pelotense”, José

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Alvares de Souza Soares foi outro personagem elogiado pelo *Zé Povinho*. O periódico ressaltava que “não é unicamente nas altas camadas sociais, lá onde fascina o brilho das posições e encontram-se as grandes notabilidades científicas, os patriotas ilustres”, que ele viria a “buscar os homens de merecimento para apresentar à admiração do presente e do futuro”. Nesse sentido, dizia que, “cá por baixo, ao rés do chão, quase confundindo, digamos assim, com o pó que se eleva das ruas”, estando misturado “com o fumo das caldeiras que produzem o vapor, perdidos no barulhar das máquinas que se movem ao impulso do fogo e do carvão, nas oficinas”, e “enfim, onde se estuda e se trabalha, também se encontram notabilidades que, se não se destacam pela posição ou pela riqueza”, ou ainda “pela ilustração ou pelo nascimento”, ficariam recomendados “pela inteligência e pela atividade, virtudes”, as quais “também engrandecem os homens e os colocam nas eminências do conceito social e no livro dos beneméritos da humanidade”. Dentre “esse número”, era considerado “Souza Soares, cujo retrato apresentamos hoje em nossa primeira página”, sendo ele apresentado como “um simples operário”, ou seja, um “operário da grande oficina do progresso”. Descrevia a trajetória do personagem até criar seu laboratório em Pelotas, tendo lutado “com imensas dificuldades”, mas “não desanimou nunca”, sendo “o trabalho a sua lei, com a mais nobre dedicação”, até conseguir “acreditar seu estabelecimento”. Daí em diante, “sua casa prosperou e conquistou um nome honroso pela sinceridade com que servia ao público”, além de desenvolver medicamentos, publicar um livro e fundar “um magnífico parque”, que trazia por nome o gentílico da localidade que o

indivíduo em destaque se fixara. Tendo em vista os elogios externados, o semanário afirmava que, “à vista que hoje apresentamos”, trazia nas páginas centrais uma gravura que “representa uma ideia em parte exata e em parte aproximada do que é o Parque Pelotense”. Além disso, divulgava a presença do “retrato à pena do Sr. José Alvares de Souza Soares”, refletindo o texto sobre ele publicado “a exposição da verdade”, uma vez que, “as suas qualidades e o seu procedimento social estão em perfeita relação com a sua inteligência e atividade”. Em conclusão, a folha ilustrada avisava os “críticos que nos censurarem porque lhes apresentamos a biografia e o retrato de um homem do povo, de um simples filho do trabalho”, vindo a responder-lhes que “as moedas avaliam-se pelo toque e os homens distinguem-se pelos merecimentos”<sup>45</sup>.

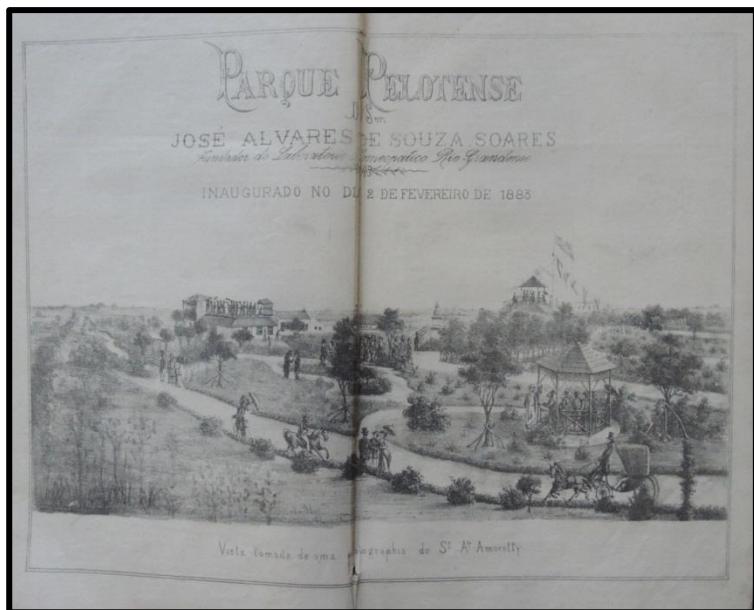
---

<sup>45</sup> ZÉ POVINHO, 11 fev. 1883, p. 1 e 2-3.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A “saudosa memória” do “Dr. Antônio José Gonçalves Chaves” era exaltada, com o periódico publicando, “em nossa página de honra, o retrato do ilustre patriota de saudosíssima memória”. Referindo-se ao personagem, dizia que fora “o fundador do progresso de Pelotas” e “quem lançou as primeiras bases do importante melhoramento que hoje gozamos”, ou seja, “a desobstrução da foz do Rio São Gonçalo”, considerada como “garantia eterna da nossa independência e felicidade”. Assim, o periódico garantia estar prestando “à sua veneranda memória as homenagens de gratidão que os povos cultos reservam aos beneméritos de suas conquistas”. Em seguida passava a descrever dados biográficos acerca do

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

homenageado, os quais culminavam com o seu falecimento, sem deixar de ocorrer a ressalva de que “não morrem os grandes homens”, de maneira que “a memória veneranda de Gonçalves Chaves conserva-se no coração dos habitantes de Pelotas”, assim como “o seu nome ilustre permanecerá sempre nas páginas da história desta cidade como fundador do seu progresso e o promotor da sua independência”. Ao final, enfatizava que “o Zé Povinho, no meio da sua humildade e côncio de que cumpre um dever, aí deixa à gratidão do presente e à admiração do futuro”, na forma de uma “justa homenagem aos homens importantes desta terra, o retrato, o patriotismo e as virtudes” da personalidade homenageada. Ao descrever os seus desenhos, o hebdomadário destacava que a ilustração da primeira página era “o retrato do benemérito cidadão Dr. Antônio José Gonçalves Chaves, de saudosa recordação”<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> ZÉ POVINHO, 18 fev. 1883, p. 1 e 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

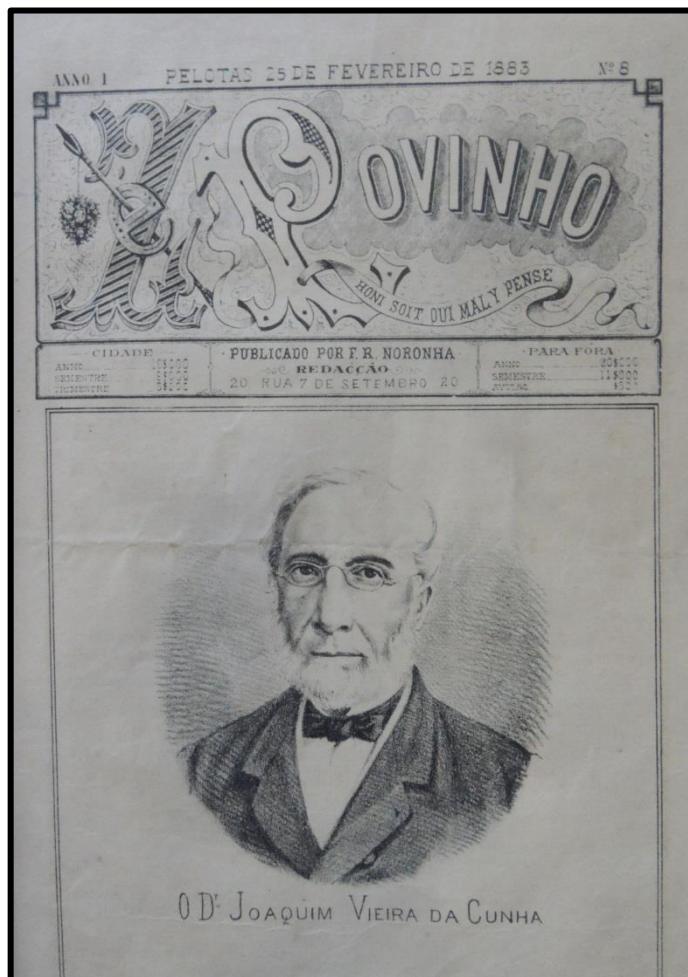


## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

O retrato do Dr. Joaquim Vieira da Cunha foi estampado na primeira página do *Zé Povinho* em mais uma de suas edições. O periódico estabelecia que, desse modo, permanecia “no empenho de tornar bem salientes aos olhos do futuro os homens mais importantes desta localidade”, de modo “que as gerações vindouras possam facilmente tributar suas homenagens de admiração e reconhecimento” aos “que mais trabalharam para a sua prosperidade e para os benefícios que lhes legam”. Desse modo, apresentava em sua “página de honra o retrato de um dos homens que em longa existência de nobre dedicação à causa pública”, mas tinha se “esforçado pelos interesses e pelo engrandecimento da cidade de Pelotas”. Em relação ao homenageado, afirmava que “este nome encerra em sua simplicidade tudo quanto de sublime se pode imaginar nas mais belas expansões da inteligência e do patriotismo”. A biografia e a carreira pública de Vieira da Cunha foram descritas pelo semanário, diante do que questionava quais teriam sido “as recompensas a tanta dedicação ao progresso e à civilização”, conjecturando que poderiam ser “riquezas, posições” ou “nada”, concluindo por esta última, pois, “como riqueza única resta-lhe uma pobreza honrada e a comenda da Ordem de Cristo com que foi galardoado”. A tal respeito, demarcava que a personalidade enfatizada, “como posição, tem as simpatias dos que o rodeiam e a veneração dos que o conhecem”, estabelecendo que aquele era “o prêmio que os povos reservam aos sustentáculos da sua liberdade e aos obreiros do seu engrandecimento”, sendo “felizes aqueles que o conquistam”. Ao final, o hebdomadário dizia que naquelas “ligeiras linhas, tributa as suas homenagens de

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

admiração a um dos vultos mais proeminentes do passado desta cidade”<sup>47</sup>.



<sup>47</sup> ZÉ POVINHO, 25 fev. 1883, p. 1 e 2.

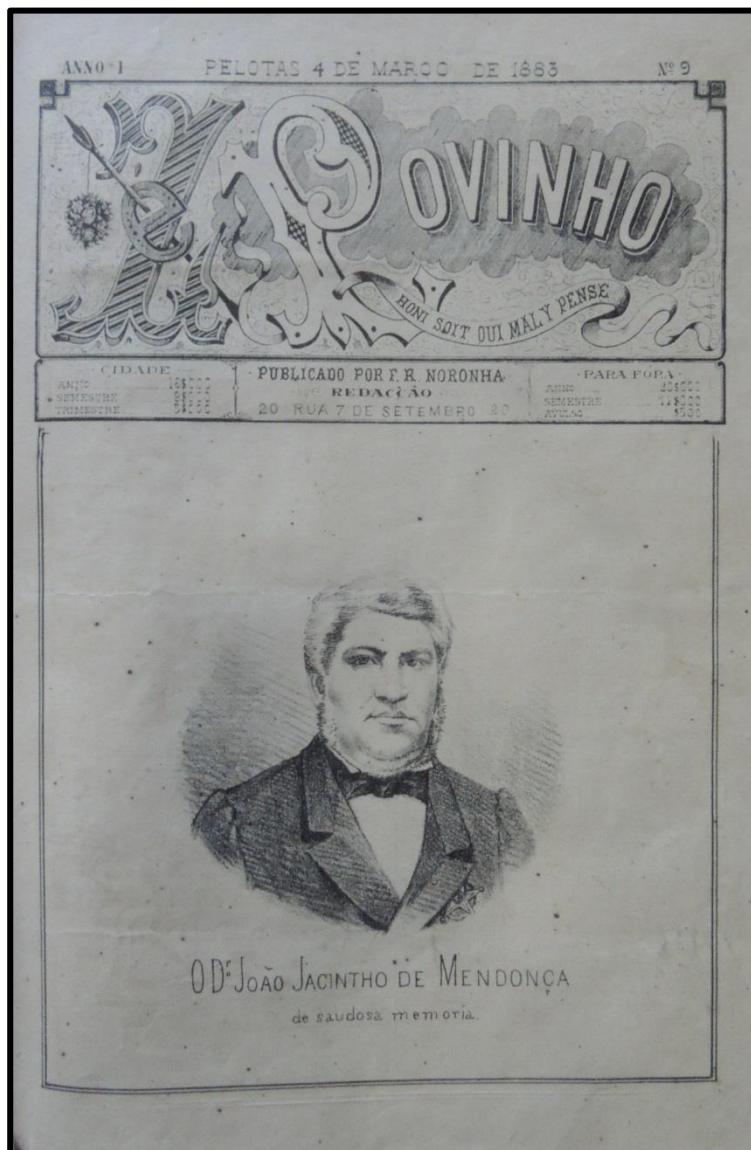
## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Em homenagem à “saudosa memória” do Dr. João Jacinto de Mendonça, o periódico ilustrado publicou “o retrato do benemérito cidadão pelotense”, considerado também como “um dos mais ilustres filhos desta terra” e como “um dos mais notáveis riograndenses”, qualificações que seriam advindas de “probidade, inteligência e patriotismo”, em relação a “um dos maiores benfeiteiros da humanidade pela filantropia e pela abnegação”. Definia que, como “homem político”, Mendonça fora “um desses políticos calmos, refletidos, justicieros, superior às pequenas paixões, leal e sincero, de convicções firmes”, constituindo um “político que visa unicamente ao bem da pátria, que lhe sacrifica comodidades, fortuna e vida”. Comentava ainda que “ele possuía em sublime grau a vocação da política”, sendo “um dos raros predestinados para a direção do destino dos povos” e, ao ocupar cargos públicos, “revelou-se o verdadeiro patriota, o símbolo do trabalho e da dedicação à causa pública”. Considerava que o personagem contava com a admiração de seus compatriotas e conterrâneos, “nas mais sublimes manifestações do talento, da eloquência e da firmeza de ideias”. Descrevia algumas das vivências da personalidade em destaque até chegar à sua morte, demarcada como “uma triste verdade” e, apesar da qual, “o seu nome, as suas virtudes, os seus serviços ao país e à província ficaram bem gravados no coração de todos para perpetuar eternamente sua veneranda memória”. Em conclusão observava em Mendonça “o símbolo do trabalho da probidade e do patriotismo”<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 1 e 2-3.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

O único destaque a uma personalidade feminina na página de honra do *Zé Povinho* coube a uma jovem artista. Nesse sentido, estampava “os retratos de Julieta dos Santos, do seu progenitor Sr. Irineu dos Santos e do Sr. Moreira de Vasconcelos”, o “empresário da companhia dramática de que ela faz parte e autor da peça em que a interessante atrizinha fez sua estreia na carreira dramática”. Ela era colocada na condição de “um astro fulgurante, destinado, talvez, a reabilitar o palco brasileiro”, pois “tão notável vocação, tão esplêndido talento em tão curta idade, só podem ser concedidos a criaturas destinadas aos mais elevados cometimentos”. A redação acreditava que Julieta dos Santos poderia estar “destinada a operar grandes revoluções no teatro brasileiro”, revelando que tivera “ocasião de admirá-la em várias peças do seu repertório e em qualquer delas” teria revelado “sempre os preciosos dotes com que a pródiga natureza a mimoseou”. Ao encerrar, o semanário dizia que, “enfim, Julieta dos Santos, contando apenas nove anos de idade e com muito pouco tempo de teatro”, já seria “uma notabilidade, ressentindo-se apenas da falta de escola” e “de um bom mestre que a inicie profundamente em todos os segredos da arte”<sup>49</sup>. Em outra edição, a personificação da redação, o próprio *Zé Povinho*, cumprimentava a jovem atriz<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> ZÉ POVINHO, 11 mar. 1883, p. 1 e 2.

<sup>50</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



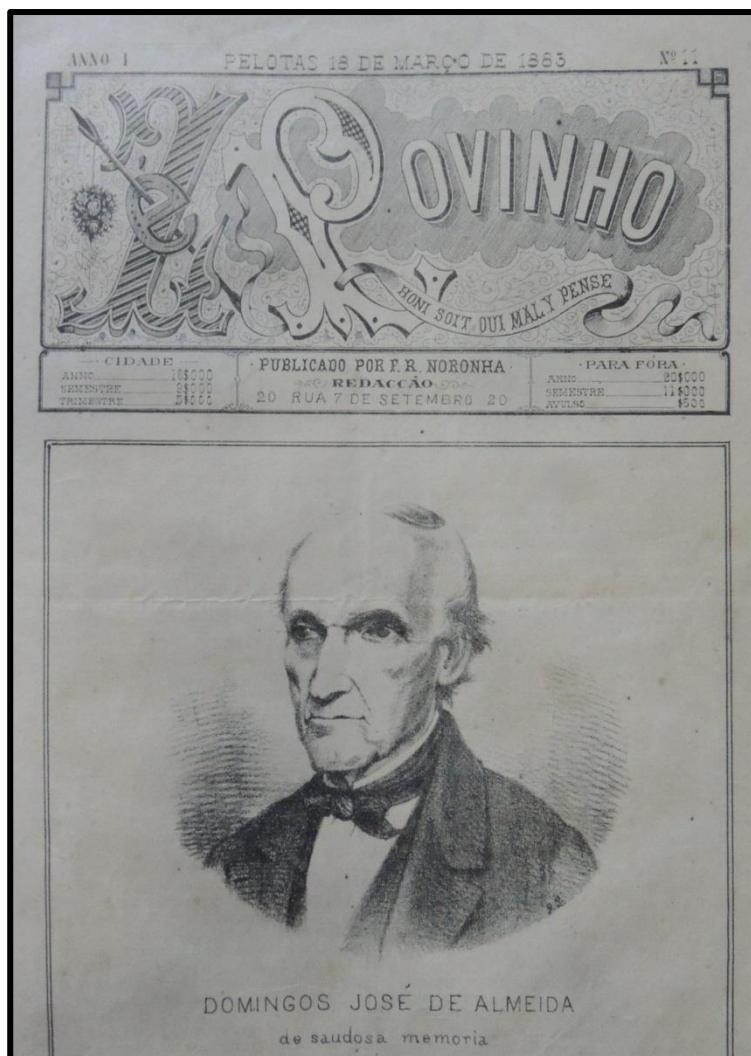
## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A publicação ilustrada e humorística pelotense ressaltou novamente a “saudosa memória”, com “o retrato do benemérito cidadão Domingos José de Almeida”. O personagem era descrito como pertencente “ao número dos beneméritos da pátria e dos grandes obreiros do progresso desta localidade e cidadão importante”, passando a discorrer a respeito de sua biografia. Apesar de tal abordagem, o periódico revelava que lhe faltavam “outros dados para tornar bem patentes os grandes merecimentos” da personalidade em pauta, de modo que aqueles “ligeiros apontamentos bastam para atestar que foi um benemérito da pátria, um herói rio-grandense e um obreiro incansável do progresso desta cidade”. Diante disso, demarcava que, “à sua saudosa e veneranda memória prestamos a mais sincera homenagem do nosso apreço e admiração”<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> ZÉ POVINHO, 18 mar. 1883, p. 1 e 2-3.

# IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

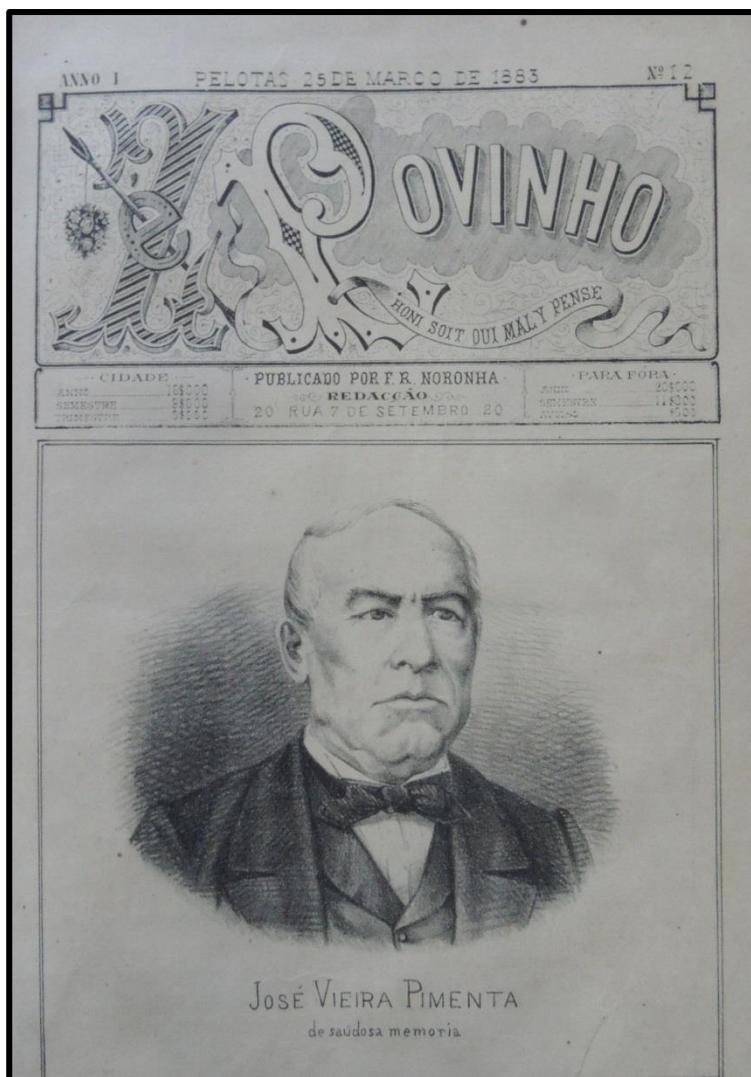


As chamadas da folha pelotense para suas páginas de honra chegavam a ser repetitivas, como foi o caso de José Vieira Pimenta, identificado como “de saudosa memória” e “benemérito cidadão” e ainda na condição de “um dos mais distintos e infatigáveis obreiros do progresso desta cidade”. O semanário confessava que lhe faltavam, “infelizmente, os apontamentos necessários para apreciar devidamente todos os seus atos da vida pública”, tendo, “porém, para julgar do seu caráter e do seu patriotismo, todos esses melhoramentos que hoje constituem a glória desta localidade”. Nessa linha, descrevia que, “durante mais de vinte anos que residiu nesta cidade, um só instante não descansou em trabalhar esforçadamente em tudo quanto fosse útil ao seu engrandecimento”, passando a citar os melhoramentos citadinos nos quais o personagem participara. Dessa maneira, considerava que Pimenta fora “um benemérito do progresso desta cidade”, além de ter deixado “na sua passagem por este mundo os mais sublimes exemplos de probidade, virtude e amor ao trabalho”, sendo “o maior elogio que se lhe pode fazer” o de que “morreu pobríssimo e sem deixar um só inimigo”. Além disso, conjecturava que “a cidade de Pelotas há de sempre lembrar com reconhecimento o nome respeitável” da personalidade em destaque, estando o periódico a cumprir “apenas um dever, prestando nestas ligeiras linhas uma homenagem de veneração à sua saudosíssima memória”<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 1 e 2.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



Um “ilustre finado” foi o alvo das homenagens do Zé *Povinho* em outra de suas edições, vindo a apresentar em sua “página de honra o retrato de um dos mais ilustres obreiros do progresso desta cidade - o Sr. José Antônio Moreira, barão de Butuí, de saudosa recordação”. A respeito do personagem a folha dizia que ele “oferece o mais sublime exemplo do quanto o homem pode engrandecer-se, elevar-se no conceito social, pela força de vontade e pelo amor ao trabalho”. Tratava então da biografia do homenageado, qualificando sua existência como “uma série de glórias, pelas contrariedades que afrontou e pelas dificuldades a que naturalmente se acha exposto”, ao não possuir “por dotes mais do que os seus braços, a sua energia e atividade”, limites vencidos pela sua “sublime dedicação ao trabalho”. De acordo com a publicação pelotense, “a indústria e o comércio foram os seus labores constantes”, assim como “a economia e a honradez, os guias de sua atividade”, vindo a aglomerar “uma avultada fortuna”. Uma vez afirmada na vida, a personalidade em evidência teria prestado “importantíssimos serviços ao desenvolvimento material desta cidade”, sendo “um dos mais incansáveis propugnadores de seus interesses e direitos” e ficando “o seu nome ligado a todas as empresas úteis que constituem o futuro” de Pelotas. Alinhavava que ele não seria apenas “um obreiro do progresso local”, mas “também um distinto patriota, um benfeitor da humanidade e um chefe de família exemplaríssimo”. Diante disso, as “virtudes e os serviços que prestou à instrução pública do país”, viriam a valer-lhe “o diploma de barão e a imensa consideração de que se viu sempre rodeado por parte de todas as classes da sociedade pelotense”. Após sua morte teria deixado

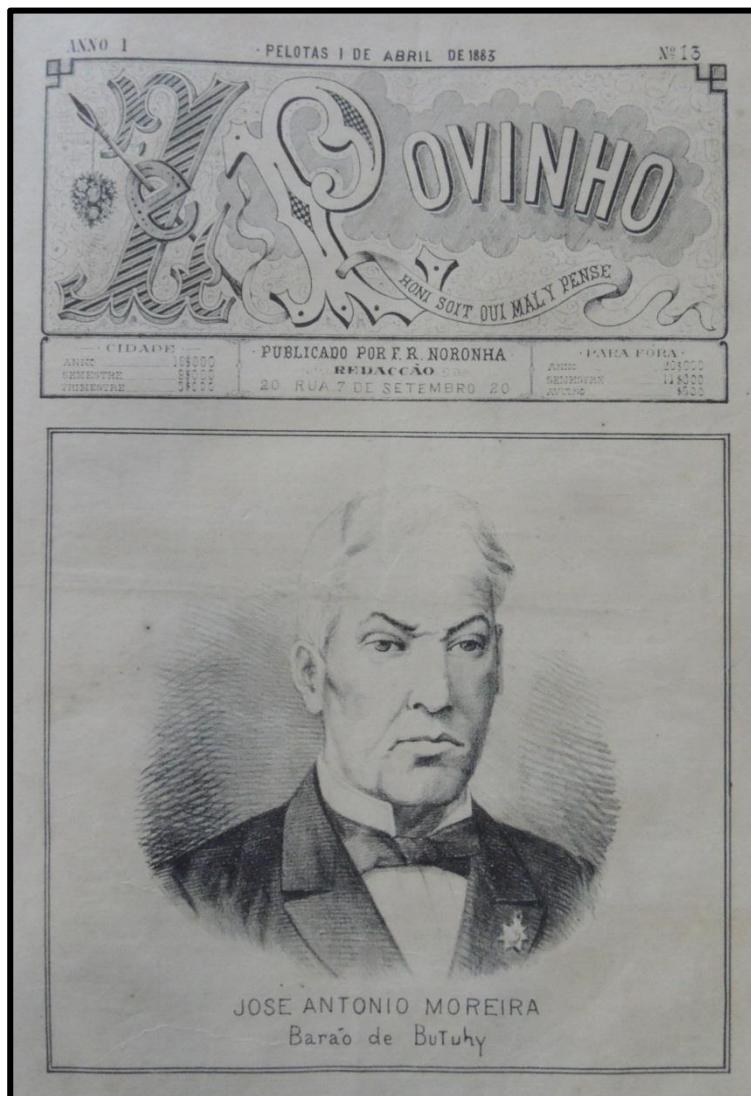
## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

“uma numerosa e ilustre prole, que hoje constitui uma das mais importantes e úteis famílias da sociedade pelotense”. Quanto ao “seu testamento”, era considerado “com certeza o maior padrão de glória de sua existência”, ao deixar “valiosos legados” para instituições filantrópicas, assistencialistas e religiosas, bem como para “pobres desvalidos”, além da alforria para numerosos escravos. Segundo o semanário, “se a sua vida não fosse um exemplo permanente de amor ao trabalho e ao seu semelhante, de atos de cavalheirismo e generosidade”, sua “última disposição bastava para colocá-lo entre os beneméritos da humanidade”. Em termos editoriais, o periódico afiançava que tinha “por fim levantar do esquecimento o nome dos homens mais úteis a esta cidade e mais distintos por suas qualidades”, de maneira que estaria a cumprir “um agradável dever prestando esta simples homenagem de veneração à sempre saudosa memória do barão de Butuí”<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> ZÉ POVINHO, 1º abr. 1883, p. 1 e 2-3.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



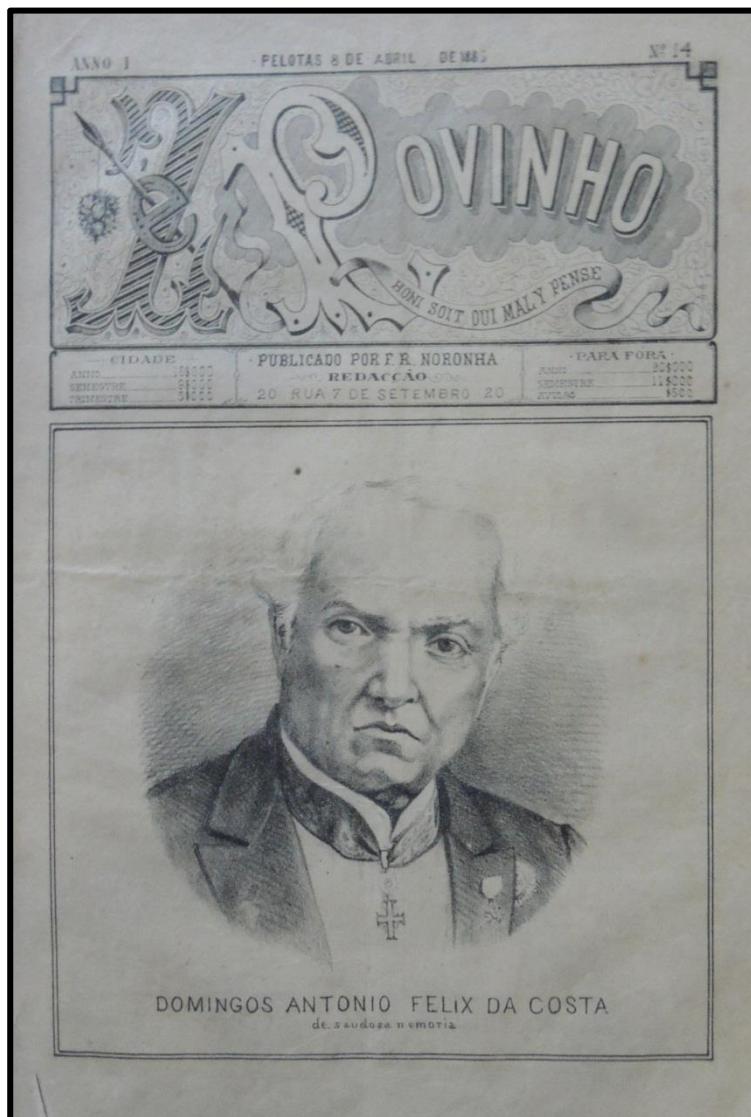
## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Ao destacar “Os nossos desenhos”, o hebdomadário pelotense apresentava à sua primeira página o “retrato do comendador Domingos Antônio Félix da Costa”, identificado mais uma vez como “de saudosa memória” e também como o “ilustre cidadão português, de saudosa recordação”. A folha considerava que “Félix da Costa foi um desses homens que pelo poder da vontade alcançou uma brilhante posição na sociedade, quer em capital, quer em consideração”. Narrava que o personagem em pauta, “no Rio Grande, foi comerciante e ocupou o cargo de representante da nação portuguesa, prestando aos seus compatriotas os mais relevantes serviços”, para, mais tarde, fixar residência em Pelotas, na qual “se entregou às lides do comércio e da indústria, dando sempre de sua probidade e dedicação ao trabalho os mais edificantes exemplos”. Era destacado o papel de Costa na companhia responsável pela desobstrução do Rio São Gonçalo, onde teria servido “com o mais nobre patriotismo, contribuindo poderosamente para a realização do primeiro melhoramento”, que viria a constituir “a riqueza e o futuro desta cidade”. Ele teria ainda prestado “importantes serviços” em sociedades filantrópicas, além do que, “do progresso público foi sempre um incansável obreiro e os seus recursos pecuniários estiveram sempre à disposição das empresas úteis”, até a sua morte, após a qual deixara “de sua passagem por este mundo os mais salientes exemplos de sua bondade e honradez”<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> ZÉ POVINHO, 8 abr. 1883, p. 1 e 2.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



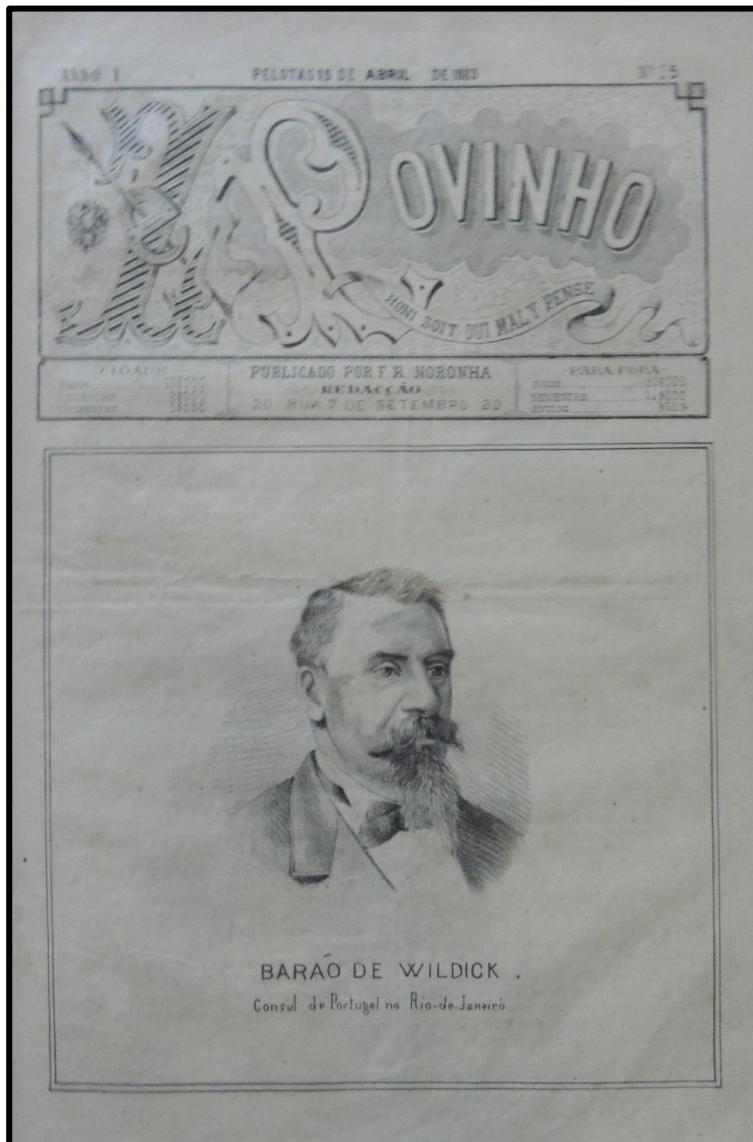
## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Em sua última edição como folha ilustrada, o *Zé Povinho* apresentou em sua “primeira página o retrato do Sr. barão de Wildick, extraído do *Correio da Europa*, jornal português, editado em Lisboa, ao salientar o papel do “cônsul de Portugal no Rio de Janeiro”. O semanário considerava que aquela era “uma simples homenagem de admiração”, que prestava “ao ilustre funcionário português que ultimamente honrou esta cidade com sua visita e tantas manifestações de apreço recebeu por parte de seus compatriotas”. A publicação ilustrada apontava que o homenageado “não é simplesmente um empregado do governo português”, mas igualmente “um patriota distinto, um homem de letras, que tem apresentado à publicidade algumas obras de grande importância em matéria consular e estatística”. Enfatizava ainda que, “além de todos esses merecimentos, é o único português que possui a qualidade de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil”, tendo ainda, como recompensa à sua ilustração e amor ao progresso” recebido várias comendas no Brasil e em Portugal. Para dar “uma ideia aproximada do que é realmente e tem sido o Sr. barão de Wildick”, o hebdomadário pelotense reproduzia o que o a seu respeito escreveu o referido” periódico lisboeta, o qual trazia dados sobre suas ocupações consulares e detalhes de sua biografia, vindo a concluir que “a verdade recomenda o barão como um dos melhores ornamentos da sua classe e como um português que sabe honrar este nome fora da sua pátria”<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> ZÉ POVINHO, 15 abr. 1883, p. 1 e 2-3.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

Assim, uma das presenças editoriais mais constantes nas páginas do *Zé Povinho* foi a dos registros imagéticos e textuais de cunho encomiástico, ao voltar sua “página de honra” a determinados indivíduos. O encômio, em suas origens, equivale a um brinde ou canto, vindo também a denominar todo escrito ou discurso que contivesse elogio a uma pessoa. Tais referências assumiam um conteúdo apologético com a conotação de elogio, constituindo um sinônimo de panegírico, muitas vezes utilizado em relatos de cunho biográfico. Também traziam consigo a proximidade com a elegia, o trenô ou a trenódia, constituindo um canto plangente em honra aos mortos e adquirindo um sentido especial vinculado à ideia de lamento e pranto. A partir de tal perspectiva, o texto encomiástico equivale ao trenô, que se faz acompanhar de um sentimento de admiração pelos mortos, consistindo uma oração fúnebre, vinculada ao velho costume popular de chorar os defuntos<sup>56</sup>. Nesse sentido, o periódico trouxe aos seus leitores retratos e colunas que enalteciam personalidades vivas ou mortas que representavam a elite, mormente a pelotense, que teriam prestado serviços relevantes à sociedade e, portanto, deveriam servir como exemplos para as gerações que a eles se seguiram e cujas memórias precisariam ser preservadas pelos pôsteros, servindo o hebdomadário como repositório e incentivador da preservação de tais recordações.

---

<sup>56</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 171-172, 167 e 499.



## Cenas do cotidiano

No século XIX, a zona sul do Rio Grande do Sul ainda desempenhava um papel primacial e representava uma região socioeconômica fundamental para o desenvolvimento provincial. Nesse contexto, as cidades dessa região passaram por processos de crescimento e reordenamento urbano, dos quais advinham tanto progressos quanto óbices para as populações. Tal conjuntura cercou também a cidade de Pelotas e o semanário *Zé Povinho* trouxe em suas páginas várias cenas do cotidiano citadino e de algumas das localidades próximas, demonstrando, pelo prisma caricatural, os alcances e limites do processo de urbanização.

A urbanização implica na “multiplicação dos pontos de concentração e pelo aumento de tamanho das concentrações individuais”<sup>57</sup> e, em seu contexto, “a complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial”. Isso se realiza “via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura” e também da “mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas”. Em “cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e

---

<sup>57</sup> REISS JR, Albert J. Urbanização. In: SILVA, Benedicto (dir.). *Dicionário de Ciências sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 1277.

articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado”<sup>58</sup>.

Dessa maneira, “a cidade torna-se um organismo cada vez mais complexo”<sup>59</sup>, envolvendo condicionantes diversificados, como os históricos, os geográficos, os sociológicos, os político-ideológicos e os socioeconômicos. Assim, para além da “simples condição objetiva de vida”, a cidade “supõe direção, gestão, atividades sociais, políticas, religiosas, etc.” e, “em certo sentido é também cultura, e por isso guarda a dimensão do humano”<sup>60</sup>. A edificação do urbano envolve elementos constitutivos como a “forma espacial da cidade e da rede”, a “paisagem e as funções urbanas”, os “agentes sociais envolvidos no processo de produção e das relações entre eles” e as “articulações com espaços externos ao da rede”<sup>61</sup>.

A partir do processo de ampliação dos quadros urbanos, “a cidade recebeu diretamente as consequências do rápido crescimento populacional”, passando, a partir deste, em “nível de estruturação de seu espaço interno”, por “muitas transformações”. Tal processo trouxe consigo “uma desordem muito grande na paisagem e na malha urbana”, aparecendo características como “ruas estreitas demais e

---

<sup>58</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989. p. 11.

<sup>59</sup> HAROUEL, Jean-Louis. *História do urbanismo*. Campinas: Papirus, 1990. p. 110.

<sup>60</sup> CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 81.

<sup>61</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989. p. 79.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

insuficientes para a circulação das pessoas” e “dos veículos”, além de vários outros elementos. Nesse sentido, “a cidade era a própria desordem”, surgindo diversos “‘problemas’ urbanos”<sup>62</sup>. Desse modo, a expansão urbana traz consigo um alto preço, uma vez que “a lei do crescimento urbano significou a inexorável destruição de todas as características naturais que deleitam e fortificam a alma humana em suas atividades diárias”<sup>63</sup>.

Nessa linha, “a cidade se estende desmesuradamente, ela explode”, constituindo um processo que fica envolvido na “urbanização da sociedade”<sup>64</sup>, em um quadro pelo qual “a cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes” e “com sua história”. Assim, “a cidade tem uma história”, sendo “a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. A cidade pode ser considerada dessa maneira, “como obra de certos ‘agentes’ históricos e sociais”, o que “leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu

---

<sup>62</sup> SPOSITO, Maria Encarnação B. *Capitalismo e urbanização*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 55-58.

<sup>63</sup> MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 462.

<sup>64</sup> LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 178.

‘produto’’<sup>65</sup>. A caricatura expressa por meio da imprensa viria a refletir tal processo de urbanização<sup>66</sup>.

Já no seu primeiro número, o Zé *Povinho* retratava um desses cenários do cotidiano urbano, envolvendo os caminhos que serviam para os deslocamentos entre regiões sul-rio-grandenses e mesmo na própria zona sul gaúcha. Nessa linha, mostrava os “quadros da estação – a cidade a serra”, revelando uma série de obstáculos que dificultavam os itinerários realizados por meio de mulas, cavalos e carroças, chegando a utilizar-se da ironia e da jocosidade ao mostrar também duas bicicletas e até mesmo um porco utilizados como veículos de transporte para transpor uma terra sáfara. Já o outro caminho descrito visualmente era entre as cidades vizinhas de Pelotas e Rio Grande, apresentando um contingente populacional que esperava o meio de transporte, ao passo que o trem sofrera um acidente, adiando o deslocamento, em cena assistida pelo próprio Zé *Povinho*<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011. p. 51-52.

<sup>66</sup> Contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Imagens urbanas na caricatura gaúcha do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2024. p. 8-10.

<sup>67</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 4-5.

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

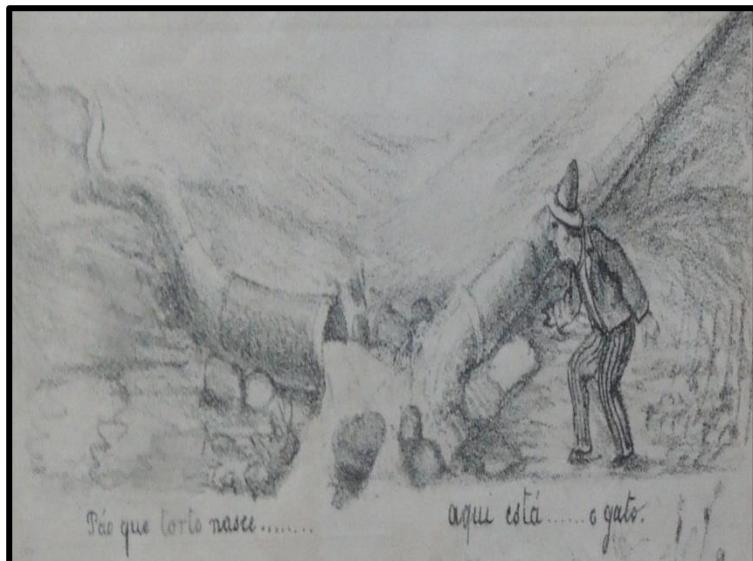


A rede de esgotos foi outro alvo do olhar crítico do hebdomadário, ao colocar mais uma vez o personagem que designava a sua redação e dava título à publicação, a observar um encanamento rompido, revelando que ali estava a causa de um dos mal-estares citadinos, ao constatar que “Pau que torto nasce... aqui está... o gato”<sup>68</sup>. O tema dos encanamentos seria continuado na edição seguinte, com o Zé Povinho dessa vez chegando a montar em um cano, referindo-se à Hidráulica Pelotense e utilizando-se da mesma legenda

<sup>68</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

para denunciar os desmandos naquele serviço. Ao explicar o desenho, o periódico explicava que se tratava de uma reprodução, pois no número anterior saíra com erro, de modo que explicitava que “o cano mestre da Hidráulica, em zigue-zague, transpondo montes e vales, apenas traz metade do volume de água que pode comportar”, ao passo que ficava “o outro, cheio, colocado em declive natural”, estando no primeiro “o defeito” e, no outro, está... *o gato*”<sup>69</sup>.



<sup>69</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2 e 5.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



A higiene das ruas citadinas foi outro tema debatido pelo semanário ilustrado-humorístico pelotense, ao descrever pela óptica caricatural o “aspecto da cidade do dia 20 em diante”, apresentando um cenário de muita sujeira, mormente restos de animais, criando um ambiente malcheiroso para a população. De acordo com tal perspectiva, o semanário dizia ser aquele o “aspecto imaginário das ruas da cidade desde que o

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

contratador da limpeza pública cesse com o serviço”<sup>70</sup>. Uma fracassada tentativa de embelezamento urbano era demonstrada pela publicação, de modo que uma fonte instalada em logradouro citadino fora destruída pela simples presença de uma ave. Dessa maneira, dizia que estaria “a nova cascata... a voar”, bem como detalhava, afirmando que “a nova cascata da Praça Pedro II” estaria “a fugir nas asas de um ganso aventureiro”<sup>71</sup>.



<sup>70</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2 e 4.

<sup>71</sup> ZÉ POVINHO, 25 fev. 1883, p. 2 e 4.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



As precariedades dos meios de comunicação foram outro alvo do periódico pelotense, ao referir-se às “malas para a campanha”, apresentando as amplas dificuldades de descolamento e criticando “a velocidade dos nossos correios terrestres”, tratando ironicamente como um “progresso” do “serviço público<sup>72</sup>. Os problemas da cidade vizinha do Rio Grande, que atrapalhavam o comércio da região como um todo, como

---

<sup>72</sup> ZÉ POVINHO, 25 fev. 1883, p. 2 e 5.

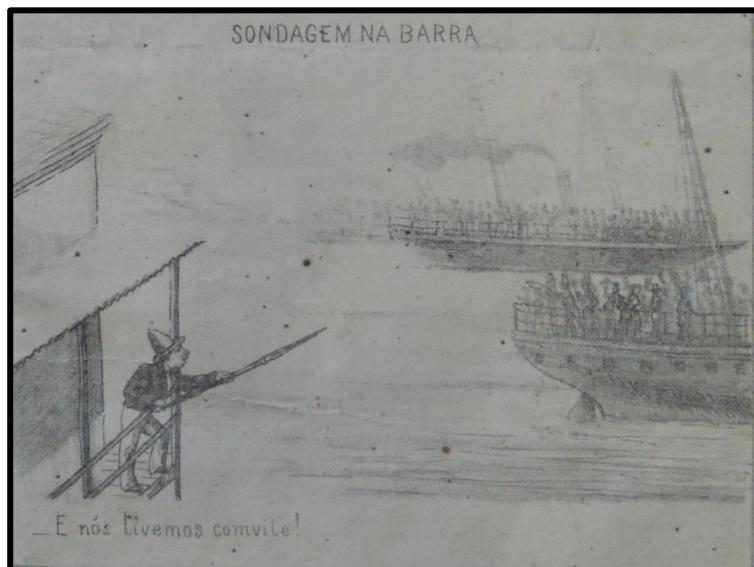
no caso das dificuldades de acesso marítimo em tal localidade, provocado pela obstrução da barra, que criava amplos obstáculos para as lides mercantis, foram igualmente denunciados pela publicação ilustrada. Desse modo, ela apontava a necessidade da “sondagem da barra” para verificar a possibilidade de navegação, serviço para o qual chegava oferecer o próprio *Zé Povinho* que, ironicamente, dizia ter recebido convite para tal função, tendo ele ficado “em terra por descuido”<sup>73</sup>. Igualmente sobre a vizinha Rio Grande, o hebdomadário mostrava a “Escola Silveira Martins devorada por incêndio” no início de março de 1883, tratando de uma instituição pública de ensino que sofrera vários reveses em sua construção, em um processo que culminou com o sinistro, cujo fogo destruiu não só a edificação como o próprio intento citadino de dotar a comunidade com uma nova casa de ensino<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 3 e 5.

<sup>74</sup> ZÉ POVINHO, 18 mar. 1883, p. 3 e 4.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



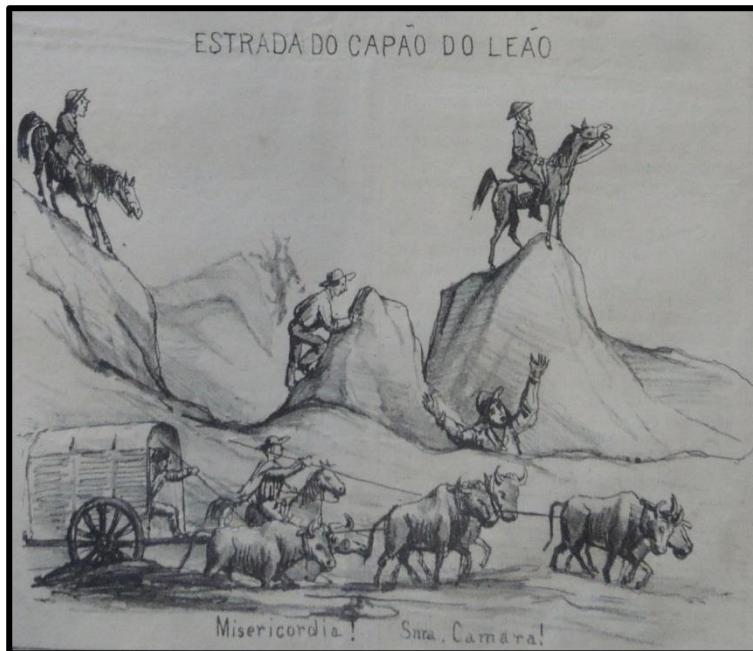
## FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O abandono dos caminhos de deslocamento foi mais uma vez registrado pelo periódico, ao referir-se à “estrada do Capão do Leão”, apresentada como uma via intransponível para a população, dificultando sobremaneira todo e qualquer transporte, chegando ao ponto do semanário, exigindo providências das autoridades públicas, examar: “Misericórdia! Senhora Câmara!”. As dificuldades citadinas para enfrentar as intempéries também foram apontadas, como no caso da presença de forte temporal, retratado pela folha como os “efeitos do furacão”, que teriam afetado vários representantes da comunidade, a polícia e até mesmo os túmulos do cemitério, permanecendo na resistência,

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

simbolicamente, apenas o próprio Zé *Povinho*<sup>75</sup>. Os caminhos de transporte voltavam a compor a pauta do hebdomadário, ao tratar das pontes de Santa Bárbara, em um quadro pelo qual, enquanto a nova era elogiada, abrindo caminho para o progresso, representando pela passagem do Zé *Povinho*, a velha permanecia abandonada, servindo inclusive para a presença de corpos em decomposição, como no caso de um homem e de um cavalo<sup>76</sup>.



<sup>75</sup> ZÉ POVINHO, 1º abr. 1883, p. 2, 5 e 8.

<sup>76</sup> ZÉ POVINHO, 8 abr. 1883, p. 2 e 5.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

# EFFEITOS DO FURACÃO



IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



O Joaquim Chapelleiro perdeu a barriga



o Rainha perdeu o nariz .

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS





So este resistiu.

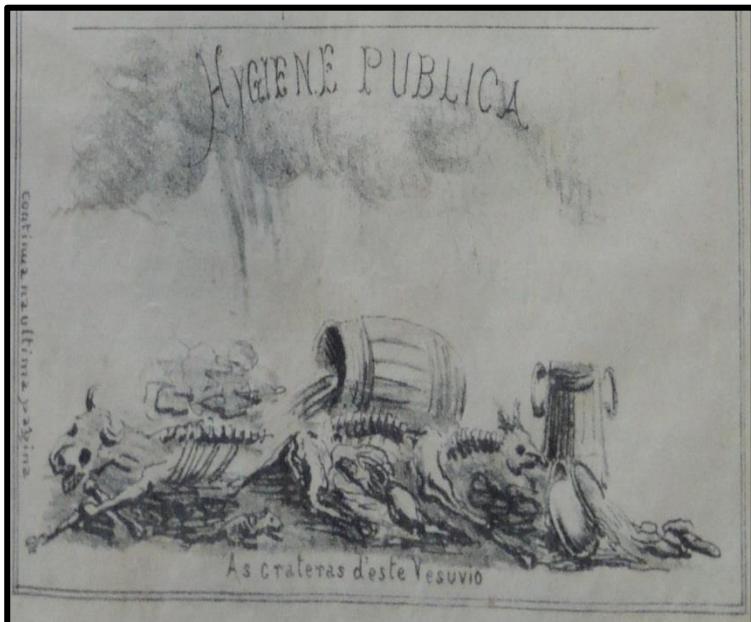
IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS



As críticas quanto ao estado da “higiene pública” retornaram às páginas da folha caricata, qualificando tal situação como altamente grave, pois se trataria de “um novo vulcão” em erupção, revelando ironicamente um quadro caótico, que, figurativamente, representariam “as crateras deste Vesúvio”. Ainda no que tange à “higiene

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

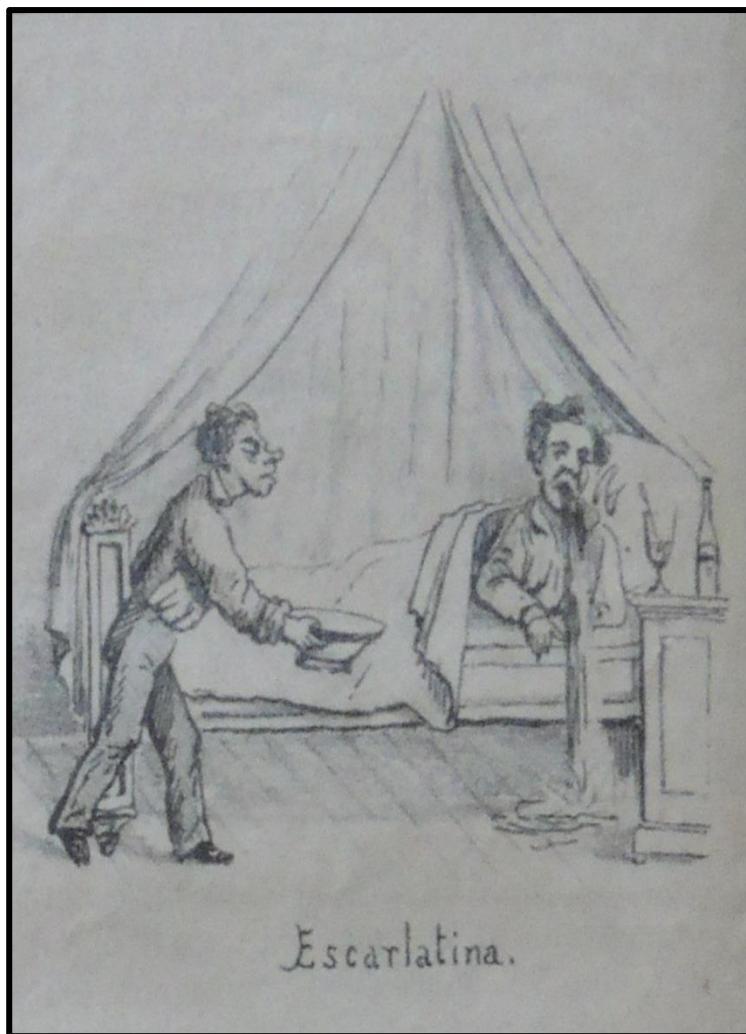
pública”, novamente lançando mão da ironia, o hebdomadário se referia ao “estado geral - usos e costumes”, sobre o qual “ninguém se pode queixar”. O olhar irônico e crítico do periódico recaía sobre as questões de saúde pública local, denunciando a presença de diversas doenças, de maneira que sujeira e epidemias encontravam-se associadas, em um cenário no qual todos deveriam correr e salvar-se “quem puder”, uma vez que o serviço de limpeza permanecia precário, para desespero inclusive do Zé Povinho<sup>77</sup>.



<sup>77</sup> ZÉ POVINHO, 8 abr. 1883, p. 2, 5 e 8.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS

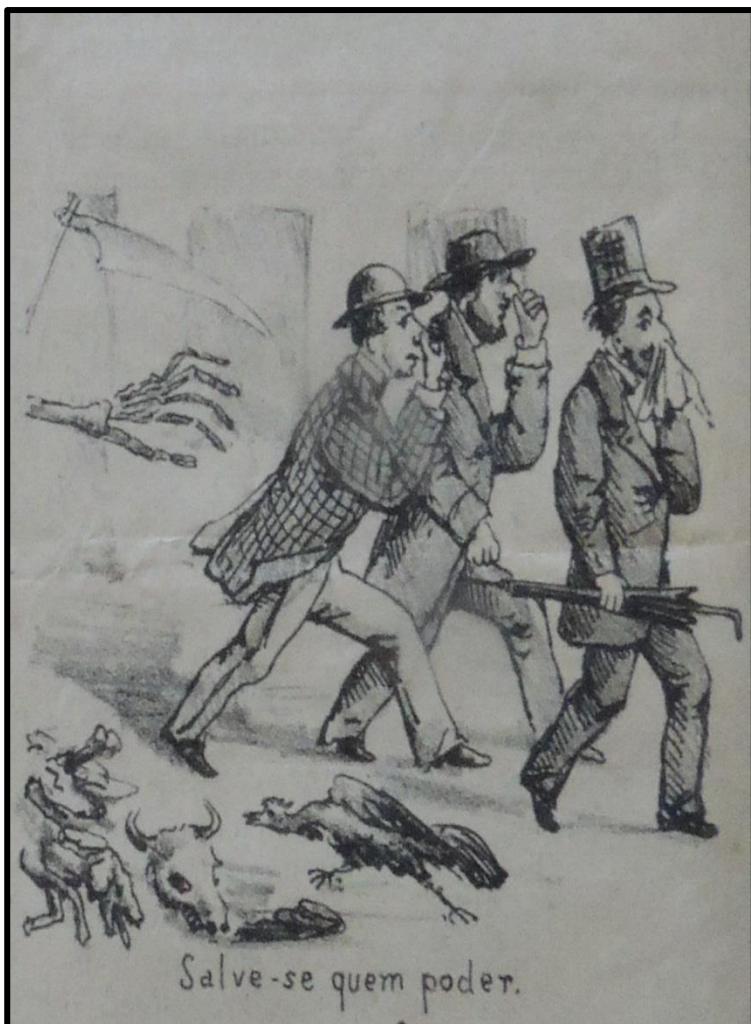




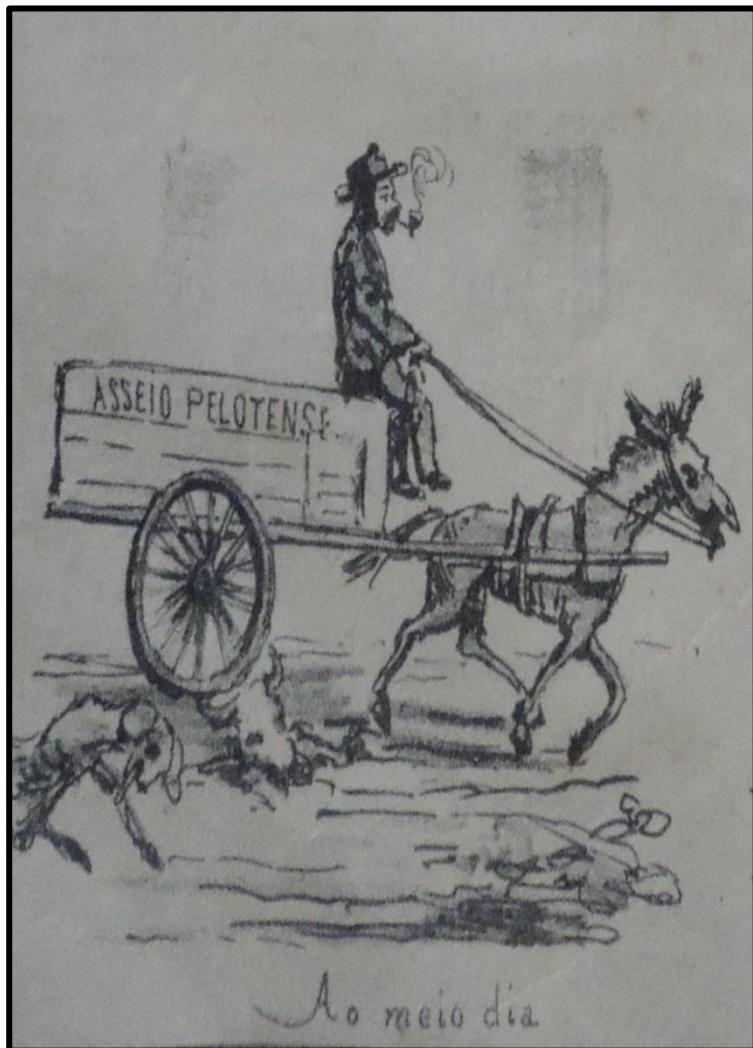
Escarlatina.

IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS





IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ  
POVINHO DE PELOTAS





As imagens do cotidiano urbano tiveram na arte litográfico-caricatural uma de suas fundamentais formas de difusão ao longo do século XIX. Nesse quadro, "os padrões estéticos expressos nesse processo de produção de imagens de paisagens guardavam muito da formação

## IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA GAÚCHA: O ZÉ POVINHO DE PELOTAS

de origem de seus artistas". Dessa maneira, "novas experiências e soluções, desenvolvidas para um público mais amplo e menos elitizado, conferiram a esses produtos particularidades", as quais, de certa forma, "alteraram os padrões de representação visual então vigentes"<sup>78</sup>, como foi o caso das criações caricaturais, mormente por meio de seu espírito de fundo crítico<sup>79</sup>. O Zé Povinho deu continuidade a essa tradição, denunciando várias das limitações impostas a partir do processo de urbanização, as quais criavam dificuldades para a população pelotense e das localidades próximas. Nesse sentido, "os problemas dos serviços públicos da cidade e o tratamento dispensado a eles" por parte das autoridades públicas "constituíram as sátiras, críticas e caricaturas" do semanário acerca de tal pauta. Colocando-se como um defensor dos interesses citadinos, o periódico assumia o papel de falar em nome da comunidade, reivindicando as melhorias que lhe pareciam mais urgentes para a sociedade<sup>80</sup>.

---

<sup>78</sup> ZENHA, Celeste. O negócio das "vistas do Rio de Janeiro": imagens da cidade imperial e da escravidão. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, jul. - dez. 2004, p. 28.

<sup>79</sup> ALVES, 2024, p. 10-11.

<sup>80</sup> LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: a imprensa ilustrada em Pelotas no século XIX*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 88.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025

